

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

SÉRGIO MURILO PEREIRA DE ANDRADE BARBOSA

**A PROPÓSITO DA MONARQUIA UNIVERSAL:  
A CRÍTICA POLÍTICA NAS OBRAS DE DANTE ALIGHIERI (SÉC. XIV)**

MONOGRAFIA

GOIÂNIA,  
2020

SÉRGIO MURILO PEREIRA DE ANDRADE BARBOSA

**A PROPÓSITO DA MONARQUIA UNIVERSAL:  
A CRÍTICA POLÍTICA NAS OBRAS DE DANTE ALIGHIERI (SÉC. XIV)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Professor Licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. Ivan Vieira Neto.

GOIÂNIA,  
2020

Espaço reservado para inserção da ficha catalográfica.





PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

**Monografia nº 003/2020    Semestre 2020-1**

**Autor: Sérgio Murilo Pereira de Andrade Barbosa**

**Título: A propósito da Monarquia Universal: a crítica política  
nas obras de Dante Alighieri (séc. XIV)**

### **TERMO DE APROVAÇÃO**

O trabalho foi apresentado durante a **XI Semana Científica de História**, realizada entre 01 e 06 de Junho de 2020, conforme as “Normas de Monografia” da Coordenação de Pesquisa em História, instituídas pela Coordenação de História por intermédio do Ato Próprio Normativo nº 001/2017. O candidato foi arguido pelos docentes nomeados abaixo e seu trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professor Licenciado em História, considerado:

**APROVADO com CONCEITO A.**

Goiânia, 02 de Junho de 2020.

Orientador:

Prof. Me. **Ivan Vieira Neto**

Banca Avaliadora:

Profa. Me. **Catarina Stacciarini Seraphin**

Profa. Dra. **Semíramis Corsi Silva**



## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de deixar meus sinceros agradecimentos a todos os professores que fizeram parte de minha trajetória acadêmica, contribuindo e compartilhando seus conhecimentos e histórias. A eles todo o reconhecimento por tamanho esforço e preocupação em sempre entregar um ensino de qualidade, preocupados com nosso desenvolvimento, não somente como professores e historiadores, mas como seres humanos.

Gostaria de deixar meus sinceros agradecimentos ao meu querido orientador Me. Ivan Vieira Neto, por ter estado ao meu lado desde o início da graduação, sempre acreditando em mim, me incentivando a ser sempre melhor e sonhar sempre mais alto. Muito obrigado por todas as orientações acadêmicas, conversas e conselhos para a vida. Agradeço por estar ao meu lado em todas as conquistas, mas, também, em momentos que pensei em desistir de tudo e o encontrei sempre disposto a me ajudar. Palavras não seriam capazes de descrever a minha gratidão por tudo o que me proporcionou. Obrigado por ser mais do que um orientador, mas sim um grande amigo.

Deixo também meus agradecimentos às arguidoras Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva e à Profa. Me. Catarina Stacciarini Seraphin, por aceitarem participar como avaliadoras nesta banca e pelas leituras profícuas deste trabalho monográfico. Agradeço por fazerem parte deste momento importante e simbólico da minha vida acadêmica.

Agradeço à Coordenação de Pesquisa em História, Coordenação da Licenciatura em História, Escola de Formação de Professores e Humanidades, demais institutos da PUC Goiás que contribuíram fornecendo meios para a minha formação acadêmica de qualidade e excelência. Não poderia deixar de agradecer ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva pela criação do Programa Universidade para Todos (ProUni), que abriu portas a todos aqueles que, assim como eu, sonhavam em entrar na Universidade de forma gratuita.

Obrigado aos amigos e professores de todos os grupos de estudos que frequentei desde o início da graduação. Foram de grande importância para a minha formação a partir de uma visão ampla, conhecendo diversas áreas e possibilidades de trabalho. Deixo meu agradecimento especial ao Grupo de Estudos do Mundo

Antigo (GEMUNA), por todas as leituras proporcionadas, momentos de excelentes debates, aprendizados, reflexões, mas, também, discussões sobre a vida.

Gostaria de expressar minha gratidão aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado e foram essenciais para que eu conseguisse chegar até aqui. Agradeço em especial aos meus amigos Ester Fernandes, Ana Clara Braz, Matheus Campos e Jhonnathan Cunha por terem sido minha base nos melhores e piores momentos. Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos Paulo César Ferreira, Lana Michelly Moraes, Maria Alvina Moura, Lucas Batista, Guilherme Ramos e Maik Faleiro por estarem comigo desde o início me proporcionando ótimos momentos e serem fundamentais em minha trajetória acadêmica. Deixo meus sinceros agradecimentos ao meu namorado, companheiro e amigo Guilherme Tavares que esteve comigo desde o começo deste processo. Sou eternamente grato por tudo, todas as conversas, reflexões e ajudas.

Agradeço aos meus familiares que acreditaram em mim e me incentivaram desde o início a buscar a realização de meus sonhos. Obrigado por sempre acreditarem em mim, me apoiando em todas as minhas decisões. Agradeço ao meu pai, Sérgio Barbosa, por sempre me incentivar a perseverar e lutar para conquistar os meus objetivos. Os meus agradecimentos à Suely Andrade, minha querida mãe, para a qual neste espaço não caberiam palavras capazes de traduzir o quanto a amo e sou grato por tudo. Obrigado por sempre estar ao meu lado, me apoiando e comemorando até mesmo as menores conquistas. Por fim, agradeço a todos aqueles que me auxiliaram direta ou indiretamente para que eu chegasse até aqui.

*“Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam  
um pouco de si, levam um pouco de nós”*

Antoine de Saint-Exupéry

## RESUMO

O presente trabalho analisa a obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, focando especialmente nas críticas políticas contidas no seu primeiro livro, *Inferno*. Analisamos a região infernal por uma perspectiva que é a um só tempo cartográfica e historiográfica, percebendo tanto os elementos que compõe os círculos infernais e o imaginário que os povoa quanto as personagens ali encontradas e os motivos que o autor atribui à sua condenação. Tendo em vista que os personagens possuem envolvimento nos conflitos políticos e religiosos entre Gibelinos e Guelfos na Florença dos séculos XIII e XIV daquele período. Para tanto, faz-se necessário recorrer também aos tratados filosóficos *Da Monarquia* e *O Convívio*. Nestas obras o poeta e político florentino aprofunda o debate sobre as relações entre filosofia e teologia indicando a política como meio para que o homem contemple a felicidade plena. Ademais, abordamos a visão do poeta sobre a relação entre os poderes espiritual e temporal, inspirada pelo Império Romano como modelo ideal de governo e paradigma para o estabelecimento de uma Monarquia Universal.

**Palavras-chave:** Dante; Divina Comédia; Política; Império Romano; Monarquia Universal.

## ABSTRACT

The present work analyzes the work *The Divine Comedy*, by Dante Alighieri, focusing especially on the political criticisms contained in his first book, *Inferno*. We analyze the infernal region from a perspective that is both cartographic and historiographical, perceiving both the elements that make up the infernal circles and the imaginary that populates them as well as the characters found there and the reasons that the author attributes to their condemnation. Bearing in mind that the characters are involved in the political and religious conflicts between Ghibellines and Guelphs in Florence of the 13th and 14th centuries of that period. For that, it is necessary to resort also to the philosophical treatises *De Monarchia* and *The Convivio*. In these works the Florentine poet and politician deepens the debate on the relationship between philosophy and theology, indicating politics as a means for man to contemplate full happiness. Furthermore, we approach the poet's view of the relationship between spiritual and temporal powers, inspired by the Roman Empire as an ideal model of government and paradigm for the establishment of a Universal Monarchy.

**Keyword:** Dante; Divine Comedy; Politics; Roman Empire; Universal Monarchy.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. A COSMOLOGIA DANTESCA E A ESTRUTURA DO INFERNO DE DANTE</b> ..	19
1.1. <i>A Divina Comédia</i> e a cosmologia dantesca .....	23
1.2. Estética e geografia do Inferno .....	24
1.3. Hierarquia dos pecados e castigos no Inferno dantesco.....	29
<b>2. PERSONAGENS HISTÓRICOS E SUAS REPRESENTAÇÕES NO INFERNO DANTESCO</b> .....	36
2.1. Seleção de personagens e feitos que justificam sua condenação pela eternidade no Inferno .....	37
2.2. A sociedade florentina dos séculos XIII-XIV .....	40
2.3. Personagens representados no Inferno e suas relações com os conflitos entre Papado e Monarquia.....	43
<b>3. EM DEFESA DA SEPARAÇÃO ENTRE PODERES ESPIRITUAL E TEMPORAL E A DEFESA DE UMA MONARQUIA UNIVERSAL</b> .....	54
3.1. Crítica dantesca aos conflitos entre os poderes espiritual e laico .....	54
3.2. Influência do aristotelismo nas discussões sobre a finalidade humana .....	59
3.3. A necessidade da existência de dois guias para a humanidade .....	62
3.4. O Império Romano como modelo de governo.....	66
3.5. A Monarquia Universal dantesca .....	69
<b>CONCLUSÃO</b> .....	73
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	77

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho discutiremos as críticas e propostas de Dante Alighieri para os conflitos identificados na sociedade florentina dos séculos XIII e XIV. Para iniciar nossa discussão devemos realizar uma breve explicação sobre o momento histórico a ser discutido. A Europa dos séculos XII a XIV passava por transformações que perpassaram todos os setores da vida cotidiana, sendo Florença um dos principais centros de mudanças. Hilário Franco Jr. (2000, p. 23) atesta que a cidade, por volta do século XIII, era um dos maiores eixos urbanos e econômicos do continente europeu. O desenvolvimento que vinha sendo experimentado ocasionou crises e renovações de instituições, principalmente relativas ao Papado e à monarquia europeia (em conflito desde os séculos anteriores), culminando em um intenso embate entre duas facções políticas: Gibelinos e Guelfos.

Segundo Jorge Vinícius Monteiro Vianna (2016, p. 57), enquanto os Gibelinos lutavam para garantir a separação dos poderes e pela legitimidade do poder do Sacro Império Romano, os Guelfos defendiam a soberania do poder papal. Após sucessivos embates, os Gibelinos são derrotados, os Guelfos assumem o poder e, posteriormente, se dividem em dois grupos: Guelfos Brancos, cuja maioria dos integrantes eram comerciantes da região; e Guelfos Negros, formado em grande parte pela nova burguesia dos mercantes e banqueiros.

Conforme argumenta Acilon H. B. Cavalcante (2012, p. 194), o Papado não estava alinhado às ideias dos Guelfos Brancos e, após conflitos políticos entre as duas facções, organizou uma força militar que invadiu Florença, garantindo que os Guelfos Negros ascendessem ao poder. Em decorrência disso, os principais membros do partido dos Guelfos Brancos são exilados e proibidos de retornar à Florença. Neste contexto conflituoso localizamos o político e poeta de nosso interesse: Dante Alighieri.

A data exata de seu nascimento é desconhecida. Sabemos apenas que ocorreu no ano de 1265 em Florença, como sabemos que o poeta faleceu exilado em Ravena no ano de 1321. Ele atuava no partido dos Guelfos e depois, com a divisão, se filiou aos Guelfos Brancos. Com o Guelfos Negros ascendendo ao poder, Dante se tornou um dos exilados. Neste momento ele se dedicou à produção intelectual, voltada à reflexão sobre as questões políticas, religiosas, sociais, econômicas, culturais, morais etc. O poeta produziu diversas obras durante a vida, dentre as quais se destacam: *Vita Nuova*, *Convivio*, *De Monarchia*, *De Vulgari Eloquentia*, *Quaestio de Aqua et*

*Terra, Eclogae, Epistolae e Divina Commedia*. Dentre essas, dedicamos esta análise, primordialmente, à *Divina Comédia*. De forma complementar, as obras *De Monarchia* (*Monarquia*) e *Convívio* foram utilizadas como fontes auxiliares para a compreensão e aprofundamento do debate sobre as ideias de Dante Alighieri.

Estas três obras foram produzidas durante o momento de seu exílio político, provavelmente entre 1303 e 1321. Posto isso, demonstram a visão de mundo do poeta e suas reflexões sobre as transformações que a sociedade experimentava. Devemos ter em mente que no período analisado estavam circulando ideias pré-renascentistas. Segundo Jean Delumeau, o Renascimento foi um movimento cuja orientação foi em direção ao passado, com o intuito de retornar às fontes do pensamento e da beleza (DELUMEAU, 1994, p. 85). Jacques Le Goff argumenta que os intelectuais sentiram-se na necessidade de voltar às fontes antigas em busca de modelos para serem adotados pela sociedade da época (LE GOFF, 2005, p. 109). Este processo pode ser percebido nas obras do poeta florentino, pois ele reúne, recontextualiza e ressignifica em sua narrativa elementos clássicos e vernaculares.

A *Divina Comédia* foi escrita em dialeto vulgar falado nas ruas de Florença. Inicialmente foi chamada de *Commedia*, posteriormente de *La Divina Commedia* por Giovanni Boccaccio, poeta e crítico literário italiano do século XIV. Entretanto, o adjetivo foi acrescentado de fato a partir de uma edição feita por Ludovico Dolce em 1555 (RODA, 2012, p. 65). O título original foi pensado como uma contraposição às tragédias gregas, pois enquanto a tragédia apresentava uma jornada com início feliz e final trágico, a comédia, segundo Otto Maria Carpeaux (2008, p. 252), seria um poema que começaria por situações penosas e terminaria em felicidade. Assim como a história sacra da humanidade, que tem início com o pecado original e termina com a redenção.

O poema conta a jornada empreendida por Dante-personagem pelo outro mundo em busca da salvação de sua alma. A obra é composta por 100 cantos divididos em três livros: *Inferno* (34 cantos), *Purgatório* (33 cantos) e *Paraíso* (33 cantos). O mundo dos mortos por onde o personagem passa é dividido, também, em três locais: Inferno, Purgatório e Paraíso. Conforme afirma Acilon H. B. Cavalcante (2012, p. 199), a obra tem a finalidade de levantar os valores morais perdidos e apontar o caminho para a salvação espiritual a partir das quatro virtudes cardeais (Força, Justiça, Prudência e Temperança) e as três virtudes teológicas (Justiça, Fé e

Caridade). Nosso recorte orienta a análise na primeira parte do poema (*Inferno*), Canto que narra a descida de Dante ao Inferno guiado pelo personagem Virgílio.

Durante sua peregrinação pelo Inferno, o poeta descreve alguns pecados e suas respectivas punições, aplicadas ao longo de nove níveis ou círculos. Durante a caminhada, ele aponta diversos personagens organizados a partir do julgamento de suas condutas. Terminando a trajetória pelo Inferno, Dante e Virgílio entram no segundo estágio da peregrinação pelo Além: o Purgatório. A divisão do local tem como base os sete pecados capitais e, apesar de ser dividido em sete níveis, possui um local chamado antepurgatório e uma entrada para o Paraíso, o que totaliza, também, nove divisões. Em seguida Dante chega ao Paraíso, onde Virgílio o deixa para ser guiado por Beatrice<sup>1</sup> e, posteriormente por São Bernardo. O paraíso também é dividido em nove esferas, onde as almas estão organizadas de acordo com as suas boas práticas em vida.

A outra obra que utilizaremos, *Monarquia*, constitui um tratado filosófico no qual o poeta procura discutir a relação entre poder secular e espiritual. Conseqüentemente, é trabalhada a relação entre seus respectivos detentores: Império e Papado. A obra é dividida em três partes: *Necessidade da Monarquia*, *Como o povo romano obteve legitimamente o encargo da Monarquia e do Império* e *O encargo da Monarquia e do Império provém imediatamente de Deus*. A argumentação desta obra gira em torno da defesa de independência do imperador e do papa para guiar a humanidade a partir de princípios filosóficos e teológicos. Posto isso, o poeta refuta argumentos bíblicos e históricos que eram utilizados para defender a superioridade do poder do Papado sobre o Império. Além disso, ele toma como exemplo o Império Romano, com todas as condições que o tornaram um modelo de governo, e traça os caminhos necessários para que fosse estabelecida uma Monarquia Universal.

Já *O Convívio*, obra que ficou incompleta, conta com quatro tratados nos quais o poeta exalta a filosofia como caminho para a concretização do fim humano. Esta obra, escrita em vernáculo, apresenta conhecimentos não somente sobre filosofia, mas também a respeito de política, ciência e da história da sociedade. No quarto tratado, sobre o qual aprofundaremos um pouco mais o nosso olhar, Dante trabalha algumas questões envolvendo a nobreza, criticando a ideia de hereditariedade deste

---

<sup>1</sup> Segundo Ronny Costa Pereira (2016, n/p), Beatriz Portinari foi uma moça com quem Dante Alighieri se encontrou aos nove anos de idade e que, provavelmente, pertencia à alta nobreza florentina, o que tornou impossível o envolvimento de Dante devido a sua posição social.

atributo e condenando algumas práticas comuns de sua época. Para defender seu ponto de vista, o poeta retoma a história de formação do Império Romano, apontando algumas transformações que deveriam ser empregadas para que cessassem os conflitos e a sociedade atingisse a paz desejada.

O debate proposto no presente trabalho é resultante de discussões realizadas no Programa de Iniciação Científica do curso de Licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Inicialmente, nos propusemos identificar as personificações do “Mal”<sup>2</sup> na *Divina Comédia*: analisamos os personagens e elementos que Dante utilizou para representar essa força durante sua peregrinação pelo “outro mundo”. Durante a pesquisa, identificamos que a obra apresenta personagens, acontecimentos e ideias oriundas de grandes obras e autores clássicos. Percebemos que

pela alegoria, Dante incluiu, na visão do outro mundo, todas as coisas deste mundo: Beatrice e as ruas de Florença, os muros de Siena e as basílicas de Roma, o Papa, os partidos políticos, o Imperador, a filosofia tomista, o arsenal de Veneza, os Apeninos e os Alpes, trovadores e ladrões, gregos e latinos – tudo está na *Divina Comédia* (CORPEAUX, 2008, p. 256).

Além disso, notamos que o poeta demonstra ser um conhecedor da cultura pagã e detentor de conhecimentos filosóficos que transparecem, inclusive, pelo julgamento e pelos critérios adotados para organizar sua narrativa sobre o mundo pós-morte.

No presente trabalho, buscamos perceber o caminho percorrido por Dante para defender a separação dos poderes espiritual e temporal e o estabelecimento de uma Monarquia Universal. No primeiro capítulo realizamos um trabalho mais descritivo ao abordar a cosmologia dantesca. Primeiramente, realizamos uma análise da forma como o medieval pensava e representava o cosmos, percebendo como lidavam com o sobrenatural e questões envolvendo o destino da alma após a morte. Sabendo que o homem medieval se via entre dois extremos (LE GOFF, 2005, p. 132), recorreremos aos conceitos de Cosmos e Caos de Mircea Eliade (1996, p. 32), para compreender o mundo binário no qual o homem se via inserido. Como veremos, de acordo com Jacques Le Goff (1989, p.26), as transformações sociais provocam alterações nas

---

<sup>2</sup> Compreende-se “Mal” como uma abstração que compreende as ações prejudiciais que os indivíduos humanos podem cometer contra seus semelhantes, contra a natureza, contra as instituições, a moral e a religião. Esta abstração pode ser personificada ou não.

representações, o que pode ser identificado pelo surgimento do Purgatório, região que rompia com o binarismo das representações do mundo pós-morte. Realizamos essa abordagem para compreender quais foram as influências de Dante Alighieri ao elaborar o cosmo na *Divina Comédia*, percebendo a divisão e composição do mundo pós-morte e sua relação com os modelos predominantes até então.

Posteriormente, nos atentaremos à estética e geografia do Inferno Dantesco. Analisaremos cada nível do Inferno dantesco buscando perceber a forma como o poeta realizou a descrição de cada estágio, atentando-nos aos elementos que compõe o local. Dante utiliza aspectos sonoros juntamente com elementos naturais (água, fogo, vento etc.), visando reforçar o aspecto detestável da região infernal, além disso aparecem criaturas mitológicas recontextualizadas desempenhando funções no Inferno. Ademais, realizaremos uma análise detalhada da hierarquia dos pecados e castigos apresentados na região infernal. Dante estrutura os condenados a partir de noções teológicas e filosóficas, levando em consideração o livre-arbítrio, que se relaciona com o intelecto e vontade do indivíduo, demonstrando a influência aristotélico-tomista (AUERBACH, 1997, p. 133).

No segundo capítulo realizaremos uma exposição dos personagens que compõem o *Inferno* de Dante. Para compreender as complexidades do processo de representação do mundo social, utilizaremos Roger Chartier (2002, p. 19), segundo o qual as representações de um determinado contexto devem ser analisadas levando em consideração o interesse de quem representa, qual a sua posição e local ocupado dentro da sociedade. Assim, analisamos alguns personagens do *Inferno*, percebendo como o poeta demonstra suas ideias por meio da seleção dos personagens, os locais que ocupam e os fragmentos de suas vidas esboçados para justificar o seu julgamento. Para compreender o processo de seleção realizado por Dante Alighieri em sua narrativa, partimos da ideia de Paul Ricœur (2007, p. 455). Segundo o autor, narrar é selecionar, dar ênfase em alguns elementos e suprimir outros. Diante disso, buscamos perceber como o autor seleciona partes da vida de cada sujeito de seu contexto de acordo com o seu interesse, buscando encaixá-los em sua ordem cosmológica a fim de transmitir sua mensagem.

Posteriormente, analisamos a conjuntura da sociedade florentina dos séculos XII a XIV do tempo de Dante. Podemos perceber que o crescimento das cidades causava transformações na forma como o homem se relacionava em sociedade.

Analisando os personagens de forma contextualizada, percebemos que os sujeitos possuem relação com os novos processos econômicos, culturais e sociais que a sociedade experimentava. Em seguida, exploraremos alguns dos conflitos políticos e religiosos dos séculos XIII e XIV em que Dante estava diretamente envolvido. Dante faz críticas às querelas causadas em consequência do aumento populacional e desenvolvimento urbano. A partir disso, tentaremos compreender a motivação de Dante ao representar determinados personagens durante sua passagem pelo Inferno. Utilizaremos Pierre Ansart (2005, p.15) e sua argumentação a respeito do sentimento de humilhação política para compreender um pouco sobre o sentimento de humilhação de Dante após ser atingido pelos conflitos políticos e religiosos.

Para a compreensão das ideias dantescas torna-se necessário que analisemos suas duas outras obras produzidas no momento de exílio: *Monarquia* e *Convívio*. No terceiro capítulo trabalharemos a crítica de Dante ao conflito entre poder temporal e espiritual e sua defesa do estabelecimento de uma Monarquia Universal. Por isso recorreremos às obras supracitadas, pois trabalham de forma aprofundada questões que nos são postas em *A Divina Comédia*. Buscamos analisar os processos que desencadearam os conflitos observados no cenário político e religioso no contexto de Dante. A partir disso, é possível compreender as críticas feitas pelo florentino aos conflitos entre os poderes secular e espiritual. Ademais, podemos compreender as teses e argumentos utilizados para discutir o objetivo e fim do Papado e do Império.

Contra a subordinação do poder temporal ao espiritual, Dante defende seu posicionamento tendo como base, principalmente, o aristotelismo. Baseado nisso, o poeta discorre sobre o duplo fim do homem, consequência de sua dupla natureza. Sabendo que o ser humano possuiria um fim terreno e um fim espiritual, o autor defende a necessidade do estabelecimento de dois poderes para guiar o homem em cada um dos fins humanos. A partir disso, discutiremos o papel do imperador e do papa, ao mesmo tempo em que procuraremos perceber a relação estabelecida entre teologia e filosofia.

Dante se baseia no Império Romano, o qual, em sua visão, teria sido o modelo ideal de governo. Os romanos foram escolhidos pela Divina Providência para dominar a sociedade. O governo romano criou as condições perfeitas para a sociedade, o que poderia ser comprovado pela escolha de Jesus Cristo em vir à Terra sob o governo de um Imperador Romano. Este fato legitimou o poder do imperador e suas leis, pois

Jesus abdicou do Reino deste mundo, deixando-o sob poder dos romanos. Sabendo disso, podemos perceber um dos fatores que levaram Dante a escolher Virgílio como seu guia pelo mundo dos mortos, visto que o poeta romano atestou, por meio da *Eneida*, a descendência divina do Império, comprovando a perfeição daquele governo de origem divina.

Por fim, discutiremos a defesa de Dante em relação à importância de ser estabelecida uma Monarquia Universal. Na visão do poeta, essa forma de governo seria responsável por criar um ambiente ideal e garantir as condições necessárias para que o homem atingisse seu duplo fim. Somente o monarca universal seria capaz de comandar a humanidade, eliminar conflitos entre príncipes, elaborar uma lei única e perfeita, oposta as leis potencialmente imperfeitas, criadas a partir das vontades dos príncipes. Além disso, este Monarca teria seu poder atribuído diretamente por Deus, o que se opunha à ideia de mediação da Igreja na atribuição do poder ao Império.

## 1. A COSMOLOGIA DANTESCA E A ESTRUTURA DO INFERNO DE DANTE

Ao observar os fenômenos da natureza, era comum que pessoas do período medieval se deparassem com diversas incógnitas e buscassem compreendê-las. Segundo Solange R. Andrade e Daniel L. Costa (2015, p. 92-93), as explicações para os fenômenos abarcavam tanto o mundo tangível, quanto o abstrato. As teorias criadas visando dar respostas a esses questionamentos foram e difundidas “por meio da escrita, da tradição oral, da escultura, da arquitetura, da pintura, entre outros. Ideias diversas sobreviveram nos contos e histórias que eram passadas de geração a geração” (ANDRADE & COSTA, 2015, p. 92).

Entre as principais teorias está a de Cláudio Ptolomeu<sup>3</sup>, que estruturou o cosmos tendo como base ideias do filósofo Aristóteles. Este idealizava um cosmos esférico e criou um modelo “geométrico de esferas motrizes homocêntricas heteroaxiais (...), transformando os constructos geométricos em esferas corpóreas constituídas do elemento éter” (BARROS-PEREIRA, 2011, p. 2602-2). O Universo seria dividido em supralunar, região acima da Lua, e sublunar, região abaixo da Lua. Além disso, as esferas concêntricas que compõem o cosmos girariam transmitindo o movimento da periferia ao centro (BARROS-PEREIRA, 2011, p. 2602-3 - 2602-4).

Ptolomeu adere a alguns pontos da teoria de Aristóteles, porém a diferença pode ser notada na ordenação dos planetas em torno da Terra. O astrônomo distribui os planetas da seguinte forma: “Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno, divergindo da empregada por Platão e Aristóteles (Lua, Sol, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno)” (BARROS-PEREIRA, 2011, p. 2602-11). Ptolomeu

apresentava a Terra como o centro do universo, ou seja, na posição central do espaço. Ao seu redor estavam a Lua, o Sol e os planetas ou esferas andantes, que giravam em torno da Terra. Dessa forma, a ideia cosmológica medieval dividiu o universo em duas partes: a sublunar e a supralunar (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 93).

O modelo cosmológico proposto por Ptolomeu foi adotado por toda a Idade Média e ajudou a moldar a forma como o homem medieval pensava o universo.

---

<sup>3</sup> Cláudio Ptolomeu (100-168 d.C.), nasceu em Ptolemaida Hérnia, no Egito. Ptolomeu foi um cientista grego que teve suas teorias sobre o universo adotadas durante a Idade Média. Seu modelo cosmológico, cuja Terra é o centro do universo (geocentrismo), foi adotado por vários séculos até o surgimento da teoria que propunha o Sol como centro (heliocentrismo), de Nicolau Copérnico (1473-1543 d.C.).

Segundo Jacques Le Goff (2005, p. 132), para o medievo a terra era redonda, estaria imóvel no centro do Universo e ao redor dela estariam girando os demais planetas e astros. Sabendo que o universo era composto por sublunar e supralunar, Andrade e Costa (2015, p. 94) apontam que a esfera sublunar compreendia todas as substâncias passíveis de serem corrompidas. A corrupção seria consequência da “contrariedade natural existente entre os quatro elementos constitutivos dos corpos (fogo, ar, terra e água) e suas qualidades (quente, seco, frio e úmido)” (COSTA, 2002, p. 487). Já a segunda esfera, supralunar, abarcava os astros, santos, anjos e Deus; além de ser capaz de influenciar as substâncias da esfera sublunar (COSTA, 2002, p. 487).

As representações no mundo sublunar nos mapas, como aponta Le Goff (2005, p 132), apresentavam Jerusalém como o "umbigo" do mundo<sup>4</sup>. O Oriente quase sempre era representado no alto e, onde localizamos o Norte, culmina uma montanha, cujo cume era o Paraíso Terrestre<sup>5</sup> (LE GOFF, 2005, p. 132). Conforme Mircea Eliade (1996, p. 32), uma característica importante de uma sociedade é a oposição criada entre o seu território, região habitada, tida como “Cosmos”, e o espaço que lhe é desconhecido, caótico, povoado por espectros e demônios, ou seja, o “Caos”. Na concepção medieval, o mundo terreno era dividido em dois Hemisférios: Norte e Sul. No Hemisfério Norte estariam as porções de terra até então conhecidas – Europa, Ásia e África. O Sul era composto por água e era o local onde estaria situada a Montanha do Purgatório (ANDRADE & COSTA, 2015, p. 95).<sup>6</sup>

O homem medieval vivia “imprensado entre dois mundos, o da carne pecadora e o da alma, entre o mundo terrestre efêmero e a eternidade do mundo celeste” (ZIERER, 2002, p. 152). Até por volta do século XI, de acordo com Le Goff (1989, p. 26), o além estava dividido em dois espaços: Paraíso e Inferno. Assim como havia dois espaços no mundo pós-morte, restava ao sujeito somente duas opções: levar uma vida segundo as leis divinas para, assim, merecer o Paraíso, ou pecar e ser condenado pela eternidade no Inferno. Várias transformações ocorreram na Europa a

---

<sup>4</sup> De acordo com Mircea Eliade (1996, p. 42), a representação de Jerusalém como “umbigo” do mundo estaria relacionada com a ideia de cosmos perfeito, Centro do Mundo, mundo conhecido. Este Centro do Mundo, para Eliade (1996, p. 38), possibilitaria o contato entre os três níveis cósmicos, Terra, Céu e regiões inferiores; além de ter sido por onde Deus começou a criação (ELIADE, 1996, p. 44) daí a ideia de “umbigo” do mundo.

<sup>5</sup> Mircea Eliade (1996, p. 39) aponta que a “Montanha Cósmica” funcionaria, também, como Centro do Mundo, ligação entre o Céu e a Terra.

<sup>6</sup> Pensando a partir da oposição apresentada por Eliade (1996, p. 42), entre “Cosmos” e “Caos”, as porções de terra conhecidas, habitadas, eram representadas como o “Cosmos”. Enquanto as regiões inferiores, desconhecidas, eram descritas como desérticas e associadas ao “Caos”.

partir do século XI e provocaram, também, reflexões sobre costumes e crenças. Como argumenta Adriana Zierer (2002, p. 162), dentre estas transformações temos o crescimento das cidades, aparecimentos de novas categorias sociais, desenvolvimento de escolas urbanas, “o movimento das Cruzadas, que para além da questão religiosa tinha um objetivo econômico (...), o surgimento das heresias<sup>7</sup> contestando o monopólio da Igreja no contato com Deus” (ZIERER, 2002, p. 162). Este processo ocorreu porque a movimentação mercantil transportava, além de mercadorias, novas pessoas, ideias e costumes (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 92).

Segundo Le Goff (1989, p. 26), a partir dos séculos XII e XIII a concepção existente sobre os espaços de destino da alma após a morte também sofre transformação. O Além começa a ser composto por três regiões essenciais: Inferno, Purgatório e Paraíso. O Purgatório surge como um local intermediário e temporário, simbolizando uma esperança em meio à dualidade predominante até então. Hilário Franco Júnior (2000, p. 68) corrobora a ideia argumentando que o Purgatório vem “matizar” o rígido dualismo entre Céu/Inferno, Bem/Mal e Salvação/Condenação. Sendo assim, a reformulação atendia às novas demandas da sociedade, fossem elas sociais, ideológicas e/ou espirituais (FRANCO JÚNIOR, 2000, p. 68).

Ao Purgatório seriam destinados aqueles que não foram completamente “bons” durante sua vida, todavia seus pecados eram considerados veniais<sup>8</sup>. Segundo Le Goff (2005, p. 144), o Purgatório aparece como uma “sala de espera” para aqueles que cometeram pecados médios, que não eram tão “ruins” a ponto de merecer o Inferno, mas que, por ainda se tratar de pecado, não poderiam ir diretamente para o Paraíso (LE GOFF, 2005, p. 144). Acreditava-se que o Purgatório desapareceria com a Ressurreição e o Juízo Final, pois as almas que estariam ali ascenderiam ao Paraíso. Consoante Le Goff (1989, p. 26), além do Purgatório, o mundo pós-morte possuiria mais duas regiões: o Limbo dos Patriarcas e o Limbo das Crianças. O autor aponta que, segundo a crença, Jesus teria descido ao Limbo dos Patriarcas na ocasião de

---

<sup>7</sup> Segundo Ana Paula T. Magalhães (1998, p. 218), as heresias do período medieval surgem como resultado das transformações ocorridas nos campos culturais, sociais e econômicos por volta do século XII. Por conta das intervenções da Igreja em questões seculares e tentativas de estabelecimento do monopólio do poder, as heresias surgem como forma dos fiéis criticarem e demonstrarem a necessidade de renúncia ao poder temporal e à opulência material (MAGALHÃES, 1998, p. 218). Sendo assim, o movimento herético manifestava paradoxos com os quais se defrontaram, criticando a contradição entre as práticas da Igreja e os ensinamentos do evangelho (MAGALHÃES, 1998, p. 219).

<sup>8</sup> Pecados considerados leves, perdoáveis por Deus, pois foram cometidos por não ter pleno conhecimento ou sem intenção.

sua morte e teria levado os justos do *Antigo Testamento*, que ali estavam por não terem sido batizados. Sendo assim, o local foi desabitado e teria sido encerrado, diferentemente do Limbo das Crianças. Este acolheria eternamente todas as crianças que morreram sem receber o sacramento do batismo. O castigo que receberiam era apenas sofrerem eternamente por terem sido privadas do Reino de Deus (LE GOFF, 1989, p. 26).

No Espaço onde estava suspensa a Terra, estariam os planetas e demais astros – Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 96). O Céu foi associado a Deus, transformando-se em Reino Celeste, verdadeiro Paraíso, local de felicidade, para onde iriam os bem-aventurados (ZIERER, 2002, p. 159), os que viveram de acordo com as leis divinas, juntamente com os santos, Deus e os anjos. Já o Inferno, sempre representado como um lugar caótico e agitado (DURAND, 2012, p. 74), era o destino dos pecadores, para sofrerem castigos por toda a eternidade.

Sabendo que a Bíblia era a autoridade principal no plano intelectual e mental (LE GOFF, 1989, p. 29), muitas das imagens que se formaram do Inferno se devem às descrições bíblicas, sendo importante ressaltar que a descrição desse local sofre alterações do *Antigo* para o *Novo Testamento*. Conforme Loureiro e Scaramussa (2002, p. 203-204), o *Sheol*<sup>9</sup> do *Antigo Testamento* tratava-se de um local triste e inquietante. Entretanto não são descritos tormentos e castigos severos. Já o Inferno do *Novo Testamento* aparece como uma região de “castigo sem fim para os anjos maus e para os homens mortos em estado de pecado mortal” (LOUREIRO; SCARAMUSSA, 2002, p. 203).

As representações que mais se popularizaram são essas que trazem o Inferno como um local inquietante, onde a alma do pecador será eternamente castigada por demônios, criaturas monstruosas e condições geográficas repulsivas. Diversos autores produziram obras sobre relatos de viagens ao Inferno<sup>10</sup>, entre estas descrições, e que aqui nos interessa, localizamos Dante Alighieri e sua obra *A Divina Comédia*. Nos itens a seguir realizaremos um trabalho mais descritivo, a fim de compreender a forma como Dante estrutura e representa seu cosmos. Sendo assim,

---

<sup>9</sup> Sheol, Xeol ou Seol, em Hebraico שְׁאוֹל (She'ol), significa "região dos mortos" ou "mundo dos mortos".

<sup>10</sup> De acordo com Umberto Eco (2007, p. 82), na Idade Média foram produzidas diversas obras relatando as profundezas do Inferno, podemos destacar a *Navegação de São Brandão*, a *Visão de Tundalo*, *Babilônia Infernal*, *Livro das três escrituras*.

nos atentaremos às suas divisões, hierarquias e elementos cuidadosamente selecionados para compor seu poema.

### 1.1. A *Divina Comédia* e a cosmologia dantesca

O cosmos criado por Dante Alighieri na *Divina Comédia* contém aspectos da concepção predominante por volta dos séculos XII e XIII. Vejamos os versos a seguir:

e agora embaixo estás do oposto céu  
ao que o chão seco cobre e o seu sagrado  
centro, onde o Homem foi morto que nasceu,

e a vida inteira viveu, sem pecado.  
O círculo que aqui a teus pés aflora,  
para a Judeca volta o outro lado:

se lá anoitece, aqui já surge a aurora,  
e este, que escada em seu pelo nos deu,  
tal como estava está fincado agora.

Para esta parte ele caiu do céu,  
e a terra toda, que aqui se estendia,  
por medo dele fez do mar um véu,

vindo pra o nosso céu; também diria  
que fugiu dele esta que aqui se avista:  
subiu, deixando a sua extensão vazia  
(DANTE, *Inferno*. XXXIV, v. 112-126).

Segundo o esquema do poeta, a Terra seria fixa e dividida em duas porções. No Hemisfério Norte, todo seco e habitado, estaria Jerusalém e a entrada da cratera do Inferno. Essa cratera foi constituída após a queda de Lúcifer, que deslocou uma massa de terra para o lado oposto do globo terrestre, formando a Montanha do Purgatório, no Hemisfério Sul. Esse Sul desconhecido era imaginado sendo desabitado e estando coberto por água, exceto pela porção de terra precipitada pela queda luciferina. O Inferno dantesco possui forma de cone e se estreita em direção ao centro da Terra. Na “parte mais profunda, no centro exato da terra, mora Lúcifer, o qual, ao cair do céu, logo depois da Criação, se enfiou fundo na terra, empurrando para cima, isto é, para a superfície, uma enorme porção do 'miolo” (AUERBACH, 1997, p. 127).

A Montanha do Purgatório, também, possui forma de cone, só que se estreita em direção ao Céu. Essa região é formada pela Esfera do Ar, composta pelo antepurgatório, para onde são destinados aqueles que se arrependeram tardiamente, e

pela Esfera do Fogo, que é dividida em sete níveis para onde são destinados, respectivamente: orgulhosos, invejosos, iracundos, preguiçosos, avaros e pródigos, gulosos e, por fim, luxuriosos. As transgressões nesses níveis são organizadas segundo o “princípio tomista-aristotélico de que os vícios são perversões do amor<sup>11</sup>” (AUERBACH, 1997, p. 141). Nos três primeiros círculos estão os que aplicaram o amor mesquinho, desprezível; no quarto círculo estão os que falharam na aplicação de seus sentimentos, e nos últimos três estão aqueles que amaram excessivamente<sup>12</sup>. No cume da montanha está o Paraíso Terrestre, local onde moraram os primeiros homem e mulher antes do pecado original.

O Paraíso vem logo em seguida, formado por corpos celestes que se movimentam de forma circular e concêntrica. A região é formada por nove Céus, dos quais sete correspondem aos sete planetas da astronomia antiga (AUERBACH, 1997, p. 128), como vimos no modelo cosmológico ptolomaico: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno. Em seguida existe o oitavo nível, das Estrelas Fixas, e o nono é o Céu Cristalino, ou *Primum Mobile*, cujo movimento é responsável pelo movimento de todo o universo. Acima está o Empíreo, no qual temos a Rosa dos Beatos, ou Rosa Mística, e, por fim, os nove Círculos Angélicos rodeando Deus. A nona esfera, mais próxima do Empíreo, através da hierarquia das Inteligências, comunica seu movimento às esferas inferiores (AUERBACH, 1997, p. 128).

Portanto, o cosmos dantesco possui estreita relação com os modelos cosmológicos predominantes em seu contexto, apresenta divisão e estruturação bem similares ao que podia ser observado em representações no medievo. A seguir aprofundaremos no primeiro estágio do Além dantesco: o Inferno.

## 1.2. Estética e geografia do Inferno

A *Divina Comédia* se tornou bastante conhecida, principalmente, por sua riqueza de detalhes que descrevem o reino dos mortos. Para Nicolau Sevcenko (1994,

---

<sup>11</sup> De acordo com Gabriel Martí Andrés (2010, p. 107) nesta perspectiva, os sentimentos básicos são amor, desejo e prazer, sendo o amor o primeiro sentimento, porque todas as paixões derivam dele. Como demonstram Rafael P. F. Dias e Marcello R. Menezes (2019, p. 200), o inimigo da vida feliz seriam as paixões, ou seja, desejo, ódio, fuga, tristeza, esperança, desespero, audácia, temor, ira etc., sentimentos encontrados na alma e que estariam influenciando a vida moral do ser humano. Quando age influenciado pelas emoções e paixões, o homem se desvia do fim buscado pela razão, passa a servi-las, deixa de mover e passa a ser movido, afastando-se dos princípios éticos de razoabilidade (DIAS & MENEZES, 2019, p. 200).

<sup>12</sup> Cf. DANTE, Purgatório. XVII, v. 85-139.

p. 40), o poeta manteve sua inspiração religiosa e compôs a obra em estilo elevado, característico da Antiguidade, "preservando o tom sublime do conjunto, mesmo quando realiza descrição pormenorizada de pessoas, objetos, emoções ou situações concretas" (SEVCENKO, 1994, p. 40). Como vimos anteriormente, a cratera do Inferno dantesco foi formada com o impacto de Lúcifer, após ter sido lançado na Terra. Para Dante, "Lúcifer teria sido punido por Deus e lançado do Paraíso à Terra, mais precisamente, no Hemisfério Norte do planeta, onde está a cidade de Jerusalém" (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 97). Posto isso, Jerusalém é a entrada do Inferno e, portanto, ponto de partida da peregrinação de Dante Alighieri pelo Além.

A entrada do Inferno é caracterizada por uma floresta escura, "essa selva selvagem, rude e forte" (DANTE, *Inferno*. I, v. 5). Após se livrar de três feras que o impediam de caminhar, Dante chega no portal de entrada do Inferno que contém a seguinte inscrição:

VAI POR MIM À CIDADE DOLENTE,  
VAI-SE POR MIM À SEMPITERNA DOR,  
VAI-SE POR MIM ENTRE A PERDIDA GENTE,

MOVEU JUSTIÇA O MEU ALTO FEITOR,  
FEZ-ME A DIVINA POTESTADE, MAIS  
O SUPREMO SABER E O PRIMO AMOR.

ANTES DE MIM NÃO FOI CRIADO MAIS  
NADA SENÃO ETERNO, E ETERNA EU DURO.  
DEIXAI TODA ESPERANÇA, Ó VÓS QUE ENTRAIS  
(DANTE, *Inferno*. III, v. 01-09).

Entrando na caverna do Inferno, na primeira região, Dante ouve "Gritos, suspiros, prantos lá/ que ecoavam no espaço sem estrelas/ [...] Diversas línguas, horrídas querelas,/ brados de mágoa, irrupções de ira/ com estalar de mãos em suas sequelas" (DANTE, *Inferno*. III, v. 22-23, 25-27). A caracterização sonora dos ambientes pelos quais Dante-personagem passa, a partir deste ponto, será um importante elemento do poema, principalmente na caverna do Inferno, obscura por excelência. Para Gilbert Durand (2012, p. 92), o ouvido seria o "sentido da noite" e a escuridão amplificaria os ruídos, "as trevas da caverna retêm nelas o grunhido do urso e o respirar dos monstros. Mais ainda, as trevas são o próprio espaço de toda a dinamização paroxística, de toda a agitação" (DURAND, 2012, p. 92).

Os rios infernais são características fundamentais para se compreender a geografia do Inferno dantesco. Os rios são formados a partir das lágrimas do Velho

de Creta<sup>13</sup>, as quais caem e vão formando os rios que no final se juntam para formar o Cócito<sup>14</sup>. Durand (2012, p. 98) indica que a água e as lágrimas estão correlacionadas, uma vez que as lágrimas aparecem como um aspecto secundário da água e estão relacionadas com os rios e lagos do Inferno (DURAND, 2012, p. 98). O primeiro rio descrito pelo poeta é o Aqueronte<sup>15</sup>, onde Dante e Virgílio fazem a travessia na barca de Caronte<sup>16</sup>. Dante apresenta o barqueiro como “um velho, / branco por antigo pelo,” (DANTE, *Inferno*. III, v. 83). Feita a travessia, a outra margem é descrita como um local obscuro, “Tão escuro era aquilo e nebuloso” (DANTE, *Inferno*. IV, v. 10). Segundo Dante, os sons percebidos no local eram “de pranto, só suspiros, mas bastante” (DANTE, *Inferno*. IV, v. 26) que tinham origem nas mulheres, homens e crianças que ali se encontravam e formavam uma selva espessa de espíritos. Os dois cruzam a selva de espíritos até chegar a um castelo com muros altos e cercado por um arroio.

Continuando a caminhada, chegando à entrada do segundo círculo, o poeta traz os aspectos sonoros para sua descrição. Dante relata sua surpresa devido ao aumento do barulho de súplicas, “aí pranto e lamento e dor clamante” (DANTE, *Inferno*. V, v. 35). Este círculo é constantemente atingido por um forte vento que arrasta as almas punidas e na entrada está Minos<sup>17</sup>, que julga as almas e as destina ao círculo do Inferno correspondente ao número de voltas que sua cauda dá em torno da alma. O terceiro círculo é caracterizado por uma constante e “eterna chuva, gélida e pesada” (DANTE, *Inferno*. VI, v. 8). A água dessa chuva ao misturar-se com a terra, forma uma lama fétida. Em meio à chuva e à lama, está a figura monstruosa de Cérbero<sup>18</sup>, o cão de três cabeças que guarda o local.

---

<sup>13</sup> Cf. DANTE, *Inferno*. XIV, v. 103-120.

<sup>14</sup> Cócito, *kokyτός*, “lamento”, é um rio do Hades. Na tradição romana, principalmente em Virgílio, foi posto como o principal rio do Hades (RAMOS, 2013, p. 238).

<sup>15</sup> Aqueronte, *Ἀχέρων*, foi mencionado pela primeira vez na Odisséia. Esse rio estaria no submundo, juntamente com o Flegetonte e o Cócito. Segundo a tradição da Antiguidade, esse era o rio que as almas tinham que atravessar para chegar ao mundo dos mortos (GRIMAL, 1986, p. 5).

<sup>16</sup> Caronte, *Χάρων*, era o barqueiro responsável por transportar os mortos sobre os pântanos do Aqueronte. Todos que desejassem fazer a travessia deveriam pagar ao barqueiro, daí o costume que se tinha de enterrar os mortos com uma moeda na boca. O barqueiro costumava ser representado como um velho, as vezes com cobras no cabelo e/ou um martelo na mão (GRIMAL, 1986, p. 94).

<sup>17</sup> Minos, *Μίνως*, supostamente filho de Europa e Zeus, foi rei de Creta, viveu três gerações antes da Guerra de Tróia. Diz-se que ele teria sido o primeiro a civilizar Creta e que governava com justiça (GRIMAL, 1986, p. 275-276).

<sup>18</sup> Cérbero, *Κέρβερος*, conhecido como o cão de Hades, ele era descrito na entrada no mundo dos mortos impedindo que pessoas vivas entrassem ou que os mortos saíssem. Ele costumava ser descrito como tendo três cabeças, mas em algumas representações ele aparece com uma cobra no local da cauda e com diversas cobras nas costas (GRIMAL, 1986, p. 92).

O quarto círculo é vigiado por Plutão<sup>19</sup>. O poeta atribui poucos detalhes sobre as características estéticas do local, definindo-o apenas como sendo medonho, triste. O círculo seguinte é banhado por águas ferventes e de coloração escura do rio Estige<sup>20</sup>. Nas margens dele, Dante vê uma torre que troca sinais luminosos com uma outra localizada na margem oposta. As luzes sinalizam que o barqueiro Flégias deve ir à margem buscar as almas. O sexto círculo, também chamado pelo poeta de Cidade de Dite, é resguardado pelos anjos caídos do Céu na rebelião de Lúcifer. Enquanto aguardam para conseguir entrar, lhes aparecem três Fúrias<sup>21</sup> – Megera, Aleto e Tesífone, que convocam a arte de Medusa e ameaçam transformar Dante em basalto. O poeta é protegido por Virgílio e a Fúrias desaparecem. Logo em seguida lhes aparece um enviado do céu que abre as portas da muralha da Cidade de Dite, e dentro são descritos diversos túmulos abertos em chamas por todo o local.

O sétimo círculo é dividido em três giros. Na entrada do primeiro, Dante se encontra com Minotauro<sup>22</sup>, responsável por fazer a guarda do local. A região é banhada pelo rio de sangue fervente, o Flegetonte<sup>23</sup>. O segundo giro é composto por um crasso arvoredo, “não verde, mas escuro o seu folhede,/ não lisos mas nodosos e revessos,/ sem fruto, os ramos, e de espinhos tredo/ o tronco, quais os acúleos espessos” (DANTE, *Inferno*. XIII, v. 4-7). Esses ramos servem de alimento e ninho para as Harpias<sup>24</sup>, que possuem aparências monstruosas. Já o terceiro giro é formado

---

<sup>19</sup> Plutus, Πλούτος, “Riqueza” de acordo com a Teogonia de Hesíodo, seria filho de Demeter e nascido em Creta. Quando o conceito de riqueza passou a ser relacionado com bens materiais, Plutus passa a ser visto como a personificação da riqueza (GRIMAL, 1986, p. 360).

<sup>20</sup> Estige, Στυξ, na Antiguidade era um rio do submundo. Na teogonia, Estige aparece como filha mais velha de Oceano e Tetis. Ela teria ajudado Zeus na Guerra contra os Gigantes. Estige também era o nome de uma nascente que emergia e desaparecia no solo. Da qual dizia-se que suas águas eram venenosas para humanos e animais. Além de ter sido suposta origem da água que envenenou Alexandre, o Grande, a nascentes também teria sido onde Tetis mergulhou Aquiles deixando-o invulnerável (GRIMAL, 1986, p. 410).

<sup>21</sup> Fúrias eram conhecidas na Antiguidade como Eriníias, 'Epwves. Elas foram geradas a partir das gotas do sangue de Urano quando foi castrado. Elas possuíam suas próprias leis, as quais até Zeus deveria obedecer. Geralmente eram representadas três: Aleto, Tesífone e Megera. Elas eram representadas como seres alados, com cobras que formavam seus cabelos e apareciam para torturar suas vítimas até enlouquece-las. Atuavam como protetoras da ordem social, puniam orgulhosos, arrogantes, assassinos, adivinhos que tentavam prever o futuro com precisão etc. (GRIMAL, 1986, p. 141-142).

<sup>22</sup> Minotauro, Μινώταυρος, era um monstro com corpo de homem e cabeça de touro. Seu nome original era Astério, era filho de Pasifae, esposa de Minos, com o touro enviado por Poseidon a Minos. O rei Minos contratou Dédalo para construir um grande palácio, formando um labirinto de corredores e salas, para colocar Minotauro. Após prender a criatura no labirinto, todo ano eram enviados sete rapazes e sete moças para servir de alimento a ele. O monstro teria sido morto por Teseu que, com a ajuda de Ariadne, conseguiu mata-lo e sair do labirinto (GRIMAL, 1986, p. 276).

<sup>23</sup> Flagetonte, Φλεγέθων, “Rio Fervente”.

<sup>24</sup> Harpias, Ἄρπυιαι, eram criaturas mitológicas descritas como mulheres aladas ou pássaros com cabeça de mulher e garras afiadas (GRIMAL, 1986, p.171).

por um areão quente, exposto a uma constante chuva de chispas de fogo. Ao final do último giro do sétimo círculo, o poeta se depara com a escuridão do penhasco e descreve o aumento do som produzido pela água ao se aproximar da borda. Com o auxílio do monstro Gerion, Dante e Virgílio descem ao Malebolge, o oitavo círculo.

O Malebolge é dividido em dez valas concêntricas. O poeta descreve o ambiente de algumas valas mais do que de outras. Por isso, apresentaremos as regiões que o poeta mais detalha. Na segunda vala, coberta por limo, Dante descreve que de “suas bordas um bolor nojoso peja/ pelo vapor que do fundo é emanado,/ e aos olhos e ao nariz ardência enseja” (DANTE, *Inferno*. XVIII, v. 106-108). A quinta vala é coberta por uma substância escura e fervente, “aqui, por fogo não, mas por ditame/ divino, em baixo um grosso breu fervia,/ a orla toda enviscando em seu derrame./ Eu olhava, mas nele mais não via/ que as bolhas que a fervura levantava/ inchando, e reassentando revertia” (DANTE, *Inferno*. XXI, v. 16-21). A sétima vala é repleta de serpentes e almas que correm e são submetidas a mutações constantes. Já a oitava vala contém várias chamas que se movem continuamente carregando almas dentro.

Por fim, a décima vala, são descritos gritos de espíritos amontoados. Segundo Dante, em meio à escuridão da vala, sentia-se o cheiro de algo “como o que vem de membros gangrenados” (DANTE, *Inferno*. XXIX, v. 51). Segundo Durand (2012, p. 119), é comum o uso de termos como “sufocante”, “fétido” e “pestilencial” para reforçar o caráter detestável de algo, pois o olfato age como um elemento reforçador do aspecto pernicioso das imagens. Dante recorre a esses elementos em diversas partes de seu poema, por exemplo, na descrição do terceiro círculo (na lama fétida resultante da chuva); na segunda vala do oitavo círculo (com o bolor e o vapor que arde os olhos e o nariz), ou na décima vala do oitavo círculo (onde o odor se assemelha ao de membros gangrenados).

Ao final do oitavo círculo Dante descreve “torres” que, logo em seguida, descobre serem gigantes – Nemrod, Efialte e Anteu, que “no poço em roda estão, e a riba os faz/ de meio corpo todos despontantes” (DANTE, *Inferno*. XXXI, v. 32-33). Ajudados por Anteu, Dante e Virgílio chegam ao nono círculo, banhado por um lago congelado, o Cocito. Este lago congelado é resultado do encontro das águas dos rios Aqueronte, Estige e Flegetonte. O fato deste lago ser congelado “contradiz a noção tradicional que possuímos do mundo inferior; Dante apresenta uma parte do inferno

fria ao extremo” (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 65). Esse círculo é composto por quatro giros, respectivamente: Caína, Antenora, Ptoloméia e Judeca. Todos são cobertos pelo gelo do Cócito, sendo que no último, Judeca, ponto mais extremo do Inferno dantesco, é o local onde Lúcifer está aprisionado e congelado da cintura para baixo, provocando um vento gelado com suas seis asas. Saindo por uma passagem, Dante e Virgílio se deparam com a Montanha do Purgatório e se preparam para continuar a caminhada pela segunda parte do mundo dos mortos.

Podemos perceber que a descrição estética e geográfica do Inferno de Dante Alighieri é rica em detalhes. O poeta formula imagens utilizando descrição física e recorrendo a aspectos sensoriais, como visão e olfato. Para Erich Auerbach (1997, p. 105), Dante se utiliza da percepção sensorial, fazendo uso de formas terrenas que lhe eram perceptíveis para, assim, construir sua obra poética com tamanha riqueza de detalhes. Além disso, é perceptível a influência que Dante sofreu da cultura clássica, uma vez que sua obra é repleta de referências a criaturas<sup>25</sup> e situações oriundas da cultura pagã que aparecem corroborando a composição estética de seu poema.

### **1.3. Hierarquia dos pecados e castigos no Inferno dantesco**

Dante empreende sua jornada na intenção de, a partir dos exemplos e castigos relatados por ele no mundo pós-morte, reformar moralmente a sociedade, a qual ele acreditava estar fora dos caminhos da salvação. As almas que estão no Além dantesco já foram julgadas e, com exceção das que estão no Purgatório, estão onde passarão a eternidade. Conforme argumenta Le Goff (1989, p. 25), o homem da Idade Média vive obcecado pelo pecado. Segundo Auerbach (1997, p. 135) os pecados que são punidos no Inferno são aqueles que não podem ser perdoados por Deus, pois, no julgamento, é levado em consideração o consentimento da vontade<sup>26</sup>.

A cada círculo do Inferno dantesco são destinadas almas que cometeram algum pecado. Estes círculos podem ser divididos em duas seções de acordo com a severidade dos castigos – “Os que pecaram por paixão são punidos com menos

---

<sup>25</sup> Como afirma Virginia Jewiss (1998, p. 334) na concepção cristã, o pecado é metaforicamente associado ao monstruoso, pois a transgressão “deforma”, torna “feio” e rompe com a ordem natural divina. Por isso o ambiente infernal seria retratado com monstros, seres antropomorfizados e pecadores esteticamente desagradáveis.

<sup>26</sup> O homem é dotado de livre-arbítrio, faculdade formada por intelecto e vontade, a qual é ligada à disposição natural e, portanto, individual. Essa é a faculdade responsável por conduzir o homem no curso de sua vida na terra, fazendo-o amar da forma certa ou errada, o que decide seu destino (AUERBACH, 1997, p. 133).

severidade que os outros, que pecaram por malícia; e aqui a gradação será do menos severo para o mais severo” (AUERBACH, 1997, p. 135-136). Dante, por meio do personagem Virgílio, explica que os espíritos que ali estão são de pessoas “que têm perdido o bem do intelecto” (DANTE, *Inferno*. III, v. 18). Essa classificação tem bases no pensamento aristotélico, para o qual o intelecto é guia para a escolha da Virtude, sendo assim, os pecadores se corrompem e praticam o Mal por terem perdido o intelecto<sup>27</sup>.

Antes de iniciar sua peregrinação pelo Inferno, Dante se depara em uma selva escura e com seu primeiro obstáculo: três feras – uma onça, um leão e uma loba, que simbolizam respectivamente: incontinência, violência e fraude. Segundo Durand (2012, p. 85-87), para a imaginação ocidental, animais como o lobo, o leão, tigre etc., são ferozes por excelência, temidos desde a Antiguidade e são assimilados aos deuses da morte e aos gênios infernais. Aparece Virgílio e espanta os animais que impediam a jornada de Dante. Vencido o obstáculo das feras, Dante dá início à sua caminhada pelo reino dos mortos ao lado de Virgílio.

Na entrada da cratera do Inferno são punidos os ignavos, ou seja, aqueles que não cometeram pecados, mas foram sem ação, relaxados na fé e na escolha de fazer o bem. Esses condenados estão nessa região porque foram desprezados por Deus e por Lúcifer, “que a Deus despraz e ao inimigo seu” (DANTE, *Inferno*. III, v. 63). Como punição, corriam nus enquanto eram picados por vespas. Dando prosseguimento, Dante chega às margens do rio Aqueronte, antes de embarcar na barca de Caronte, o barqueiro diz a Dante: “E tu que estás aí, alma vivente,/ deles te afasta, que aqui só vem morto” (DANTE, *Inferno*. III, v. 88-89). Neste momento Dante reforça a diferença entre ele e os demais que ali se encontram: estar vivo. Este ponto fica mais evidente nos versos seguintes, quando Dante perde os sentidos e cai desmaiado: “E da lacrimada terra um vento/ surgiu, de um clarão rubro acompanhado,/ que me tolheu de todo sentimento./ E caí, como em sono derribado” (DANTE, *Inferno*. III, v. 133-136). A vertigem, a queda, segundo Durand (2012, p. 113) é um elemento capaz de inibir a

---

<sup>27</sup> Consoante Gustavo E. Calovi e Gustavo Luis Marmentini (2010, p. 71), para Aristóteles, o intelecto ajudaria na escolha da Virtude, sendo esta, a escolha mediana entre dois extremos, o excesso e falta, ou seja, o justo meio. A escolha seria boa quando os bens intermediários (secundários) fossem amados de forma moderada, enquanto as coisas de Deus ficassem em primeiro plano. Entretanto, sendo esta escolha ligada à disposição individual de cada um, o amor natural pode ser corrompido pelo exagero e pela escolha errada do objeto ao qual é destinado. Posto isso, a corrupção tem sua origem no amor imoderado ou mal orientado (AUERBACH, 1997, p. 133).

ascensão e constitui-se num relembrar da condição humana e terrestre do ser humano (DURAND, 2012, p. 113).

O Além dantesco também possui o Limbo, apesar de não ser dividido em Limbo dos Patriarcas e das Crianças, o local recebia os justos do *Antigo Testamento* e as crianças mortas sem batismo. Assim como a crença do medievo, Dante também descreve que Cristo havia levado as almas dos justos do *Antigo Testamento* na ocasião de sua morte. Dante explica por meio do personagem Virgílio:

Era eu ainda novo neste estado  
quando aqui vi chegar alguém, potente,  
de signos de vitória coroados.

A alma do nosso primeiro parente  
levou-nos junto com seu filho Abel,  
Noé e Moisés legista e obediente,

Davi e Abraão patriarca e Israel  
com o seu genitor e os dele nados  
e, por quem tanto labutou, Raquel;

e muitos mais, então beatificados  
(DANTE, *Inferno*. IV, v. 52-61).

No Limbo de Dante estão os bons pagãos. Apesar de terem sido virtuosos durante sua vida, não podem ir para o Paraíso por não terem sido batizados. Segundo Dante, “não pecaram, mas não tem validade,/ sem batismo, seus méritos, e isto/ faz parte dessa fé na qual tu crês;/ e os que tenham vivido antes de Cristo/ não adoraram Deus devidamente” (DANTE, *Inferno*. IV, v. 34-38). A pena para esses é só a eterna ânsia por não ir para o Paraíso. No segundo círculo os luxuriosos são punidos por um vento forte que os arrasta constantemente. Já no terceiro círculo estão os gulosos jogados na lama fétida e sob constante tempestade. Esses condenados são atacados por Cérbero, “Como cães berram sob chibatadas/ da chuva e, um flanco ou outro protegendo,/ contorcem-se essas almas condenadas” (DANTE, *Inferno*. VI, v. 19-21).

No quarto círculo, guardado pelo demônio Plutão, são punidos os avaros e os pródigos, que “nos seus gastos não foram judiciosos” (DANTE, *Inferno*. VII, v. 42). A punição dada a eles é ficarem eternamente empurrando grandes pesos, partindo de um ponto até realizar uma meia volta e se chocarem em um ponto oposto; em seguida retornam no sentido contrário até se chocarem novamente e, assim, realizam esse movimento eternamente. No quinto círculo há o rio Estige, o rio de sangue fervente. Dentro deste rio são punidas “as almas dos vencidos pela ira” (DANTE, *Inferno*. VII,

v. 116). Os condenados se agridem mergulhados nus no Estige. A água do rio borbulha não somente pelo fervor em que se encontra, mas, também, devido às almas dos irados que estão embaixo dela suspirando.

No sexto círculo, a Cidade de Dite, são punidos os heréticos espalhados em sepulturas abertas e em chamas. Entre a descrição do sexto e sétimo círculos, Dante faz o Virgílio-personagem falar sobre suas inspirações para classificar os pecados:

Não lembras a lição precisa e plena  
na qual a tua antiga *Ética* trata  
destas três transgressões que o Céu condena:

incontinência, malícia e a insensata  
bestialidade? A Deus a incontinência  
menos ofende, e clemência resgata.  
(...)

“Filosofia”, disse ele, “a quem a entende,  
ensina, e itera em mais de uma sua parte,  
que a Natureza seu curso apreende

do divino intelecto e de sua arte;  
e tu, acaso à tua *Física* voltando,  
antes que muita página te farte,

verás que é dela que vossa arte, quando  
pode, deriva e a segue; em bom discente  
quase de Deus a neta de tornando.

Com essas duas, se tiveres presente  
o começo do *Gênese*, convém  
que ganhe e aperfeiçoe sua vida a gente  
(DANTE, *Inferno*. XI, v. 79-84, 97-108).

Segundo Andrade e Costa (2015, p. 93), “As obras de diversos filósofos da Antiguidade eram lidas por intelectuais medievais e eram utilizadas na identificação das respostas para o universo e para a ordem das coisas e do corpo humano” (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 93). Nos versos supracitados, percebemos que, para Dante, a filosofia de Aristóteles presente em *Ética*<sup>28</sup> e as ideias presentes no *Livro do*

---

<sup>28</sup> A justiça no Inferno tem como base a filosofia de Aristóteles que afirma, no início do livro VII da obra *Ética a Nicômaco* o filósofo afirma que há três situações que devem ser evitadas: malícia, incontinência e bestialidade. A alma incontinente tem culpa menos grave, por causa da vontade de pecar, que, quando surge como manifestação da natureza animal, é menos grave que o pecado cometido de forma premeditada (usando a inteligência própria do ser humano a serviço do mal). Além disso, é menos grave arquitetar e executar um crime contra um desconhecido, que pode se defender da ameaça de um estranho, diferentemente de alguém que está indefeso diante de uma pessoa que ele confia. Por isso a traição recebe punição máxima no Inferno (DANTE, *Inferno*. XI, nota 11.5).

*Gênese*<sup>29</sup> são suas bases no julgamento dos pecados. O poeta explica que a arte dos homens<sup>30</sup> torna-se neta de Deus quando é fiel aos ensinamentos da natureza, pois esta é filha de Deus.

O sétimo círculo é guardado pelo Minotauro e recebe os condenados pela violência. São divididos em três giros, de acordo com a categoria de violência que cometeram. Os violentos contra pessoas estão jogados no rio de sangue fervente do primeiro giro, onde centauros atiram-lhes flechas, obrigando-os a ficarem submersos: “flechando todo que emergir mais tente/ de quanto a sua sentença permitiu” (DANTE, *Inferno*; XII, v. 74-75). Neste giro são punidos os tiranos, imersos até os olhos; os homicidas, submersos até a garganta; e os salteadores, imersos até o peito. No segundo giro estão os que foram violentos contra si (suicidas) ou contra seus bens (perdulários). As almas dos suicidas caem no local como se fossem sementes, germinam e viram arbustos que servem de alimento e ninho para as Harpias. Ainda neste giro, em meio aos arbustos, surgem espíritos de perdulários correndo de cães que os dilaceram. No terceiro giro estão os blasfemos, os usurários e os sodomitas. Espalhados pelo areão ardente, os blasfemos estão deitados, enquanto os usurários se encontram sentados e, por fim, os sodomitas caminhando sem parar. Além disso, “Sobre todo o areal, em jorro lento,/ choviam chispas de fogo dilatadas,/ como de neve em montanha sem vento” (DANTE, *Inferno*. XIV, v. 28-30).

No oitavo círculo, chamado por Dante de Malebolge<sup>31</sup>, são castigados os fraudulentos. Este círculo é subdividido em dez fossos concêntricos e em cada um deles está uma categoria de fraude. No primeiro fosso, separados em duas fileiras com sentidos opostos, estão os rufiões e os sedutores. No segundo fosso estão os aduladores jogados no esterco. Já no terceiro, estão os simoníacos colocados de cabeça para baixo em buracos redondos, com as pernas para fora e, “Por terem todos suas plantas ardentes,/ com tanta força as pernas sacudiam” (DANTE, *Inferno*. XIX, v. 25-26). No quarto giro estão os adivinhos, que são obrigados a caminhar para trás, pois tiveram a cabeça torcida para trás.

No quinto fosso estão os traficantes jogados em uma substância fervente. Os condenados são jogados no líquido por diabos que Dante chama de Malebranche,

---

<sup>29</sup> Em *Gênese* é dito ao homem que ele deve tirar da natureza e de seu trabalho a sua sobrevivência. Cf. *Genesis* 3:17-19.

<sup>30</sup> Na obra *Física*, Aristóteles diz que a arte humana completa o que a natureza é incapaz de fazer ou imita a natureza (DANTE, *Inferno*. XI, nota 11.7).

<sup>31</sup> Bolsas ou Valas Malditas.

liderados por Malacoda. Esses diabos obrigam os pecadores a ficarem mergulhados no líquido quente. No sexto estão os hipócritas, “que, em lento caminhar de pesadelo,/ mostrava-se, a chorar, lassa e vencida” (DANTE, *Inferno*. XXIII, v. 59-60). Estes caminhavam lentamente vestidos com capas douradas de chumbo. Um dos pecadores deste círculo recebe uma punição diferente, este é Caifás. O sacerdote, que teria contribuído no julgamento e crucificação de Cristo, está crucificado no chão por onde passam os demais condenados.

No sétimo fosso estão os ladrões, constantemente atacados por cobras. Eles correm nus enquanto são atacados por cobras, sofrendo mutações físicas. Alguns viram cinzas e logo assumem a forma humana novamente. Outros são transformados em cobras, e as serpentes que os atacaram, por sua vez, adquirem a forma humana. O oitavo fosso abriga os maus conselheiros envoltos em chamas que se movem continuamente. Já no nono estão os causadores de discórdias familiares e iniciadores de cismas religiosos. Estes correm pela vala enquanto são atacados por um diabo equipado com uma espada. No décimo fosso estão os falsificadores, com o corpo tomado por sarna, que os deixa praticamente imóveis. Ainda neste fosso, um falsificador de moedas é punido com hidropisia<sup>32</sup>, enquanto um fraudador de pessoas é submetido à uma forte febre.

No último círculo do Inferno dantesco são punidos os traidores divididos em três giros. O primeiro é Caína, onde estão os traidores de parentes; já no segundo giro, Antenora, estão os traidores da pátria. Os punidos de ambos os círculos estão congelados no Cócito até o pescoço. Nestes “Todos pra baixo seus rostos voltavam” (DANTE, *Inferno*. XXXII, v. 37), diferentemente dos que são punidos no terceiro giro, Ptolomeia, que estão congelados no Cócito com seus rostos para cima, fazendo

com que o seu pranto chorar não consente,  
e a dor, que encontra nos olhos barreira,  
resolve, e faz que mais a angústia aumente;

porque o primeiro pranto, qual viseira  
de cristal, congelando-se, ao inundá-lo  
lhes preenche do olho a cava inteira  
(DANTE, *Inferno*. XXXIII, v. 94-99).

---

<sup>32</sup> Doença que atrapalha os movimentos por conta da acumulação anormal de fluido nas cavidades naturais do corpo ou no tecido celular.

Fato curioso do Inferno dantesco é que os condenados à Ptolomeia são destinados ao local antes mesmo da morte física. A alma do pecador vai para este giro e o corpo é tomado “por um demônio que após o governa/ até o seu tempo todo consumado” (DANTE, *Inferno*. XXXIII, v. 131-132). No último giro do Inferno dantesco, Judeca, são punidos os traidores de seus benfeitores, onde se encontra Lúcifer. É descrito como possuindo três caras, uma de cada cor, sendo: amarela, preta e, a do meio, vermelha. Elas simbolizam, respectivamente: impotência, ignorância e ódio - características opostas à Santíssima Trindade (Divina Potestade, o Supremo Saber e o Primo Amor). Judas<sup>33</sup>, Bruto<sup>34</sup> e Cássio<sup>35</sup> são mastigados em cada uma das três bocas de Lúcifer, sendo que Judas encontra-se na do meio. Os demais traidores deste círculo estão totalmente submersos no gelo e não são nomeados.

Portanto, é possível perceber que a *Divina Comédia* é rica em detalhes relativos ao ambiente e das punições dadas em cada estágio do Além. Ademais, se faz notória a influência que Dante Alighieri sofreu da filosofia aristotélica, a partir da qual retira princípios que utilizará para elaborar o julgamento das almas no mundo pós-morte, organizando-as seguindo uma hierarquia muito bem definida. Veremos no terceiro capítulo como se dá essa relação do poeta florentino com as transformações intelectuais ocasionadas por correntes de ideias filosóficas, principalmente aristotélicas. A partir dessas transformações provocadas pelo contato com novas formas de pensar questões da sociedade, Dante julga os sujeitos e eventos pertencentes ao contexto no qual estava inserido. Os organiza e pune dentro de seu cosmos, visando transformar e interferir nos processos políticos, religiosos, sociais e culturais que julgava não serem corretos.

---

<sup>33</sup> Judas Iscariotes foi o discípulo conhecido por trair Jesus Cristo, vendendo-o aos fariseus.

<sup>34</sup> Marcus Junius Brutus era um político do período de Júlio César e teria tramado a morte do imperador.

<sup>35</sup> Gaius Cassius Longinus foi general romano do exército de Júlio César e fez parte da conspiração de Brutus contra a vida de César.

## 2. PERSONAGENS HISTÓRICOS E SUAS REPRESENTAÇÕES NO INFERNO DANTESCO

De acordo com Roger Chartier (2002, p. 19), devemos compreender as formas que as representações do mundo social adquirem e quais as suas motivações. Para o autor, a análise das representações de um determinado contexto nos permite apreender a maneira que “actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 2002, p. 19). Sabendo disso, como foi visto anteriormente, o Inferno dantesco possui sua hierarquia, suas divisões e categorias de julgamento. Dante-personagem se depara com diversos sujeitos durante sua peregrinação pelo mundo dos mortos, “reconhece e conversa com inúmeras personagens dele conhecidas, pessoas notáveis na história recente da Toscana e que aparecem no espaço do sagrado com todas as características de sua vida terrena” (SEVCENKO, 1994, p. 40). Podemos perceber a ideologia<sup>36</sup> do poeta por meio de sua seleção de personagens, a localização destes, os atributos e justificativas apresentadas. Portanto, torna-se necessário analisar o contexto de produção da obra dantesca para que seja feita a contextualização dos personagens e eventos mencionados durante a peregrinação do poeta pelo Além.

Segundo Roger Chartier (2002, p. 17), é fundamental que identifiquemos o modo como uma determinada realidade social é construída, dada e pensada.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 2002, p. 17).

Para o autor supracitado, os discursos não são neutros e são capazes de produzir estratégias e práticas, entre elas sociais e/ou políticas. Ao produzir tais discursos, o indivíduo tem como fim a imposição de uma autoridade, um projeto reformador e justificativas para condutas e escolhas. Sendo assim,

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo

---

<sup>36</sup> Compreendemos “ideologia”, a partir da definição de Jacques Sémelin (2009, p. 46-47), como sendo um discurso consolidado, simultaneamente, sobre argumentos racionais e irracionais. Nesses discursos, geralmente, se cruzam mitos e realidades, além disso a retórica e o vocabulário não são neutros, “inocentes”.

impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 2002, p. 17).

Conforme aponta Erich Auerbach (1997, p. 122), cada indivíduo exposto por Dante é julgado *de per si*, ou seja, de forma isolada. Leva-se em consideração o que ele representa na ordem estabelecida e como ele se encaixa nos critérios de julgamento adotados por Dante.

## **2.1. Seleção de personagens e feitos que justificam sua condenação pela eternidade no Inferno**

Pouco sabemos sobre alguns dos personagens escolhidos. Há, ainda, aqueles dos quais nada se sabe além do que o poeta expõe. Segundo Auerbach (1997, p. 122), muitas vezes, o poema é a única fonte de informações sobre determinados sujeitos, principalmente quando se trata de conhecidos do cotidiano do poeta. Entre os contemporâneos de Dante podemos exemplificar com Capocchio: “Verás que sou Capocchio, que falsear/ usava co’ alquimia barra e pataco” (DANTE, *Inferno*. XXIX, v. 136-137). Pouco se sabe sobre ele, segundo a *Enciclopédia Dantesca* (1896, p. 314), foi um conhecido de Dante que teria estudado com ele e que foi condenado à fogueira por alquimia em Siena em 1293.

Em contrapartida, Dante apresenta grandes nomes da história – reis, papas, príncipes, pessoas atuantes em prol do Império e/ou da Igreja entre outros. Destes podemos apontar Frederico II (1194-1250), do Sacro Império Romano Germânico: “Com mais de mil em jazo neste valo;/ Frederico, o segundo, está comigo/ e o Cardeal, e dos outros me calo” (DANTE, *Inferno*. X, v. 118-120). Dante coloca Frederico II entre os heréticos, junto com o cardeal Ottaviano degli Ubaldini, que seria um mundano e amigo dos Gibelinos (DANTE, *Inferno*. X, n. 120). Frederico II ocupa essa posição no Inferno dantesco devido à sua conduta enquanto imperador. De acordo com Julio Valdeón Baruque (2004-2005, p. 244), Frederico II foi o último grande imperador da Europa cristã. Ocupava, também, o posto de rei da Sicília e lutava contra a ação imperial excessiva sobre a Itália, despertando insatisfação no Papado que não queria o reino da Sicília mantido ligado ao imperador (BARUQUE, 2004-2005, p. 245). Seu desafeto com o Papado é intensificado na medida em que reivindica a capital romana alegando ser um sucessor do imperador Augusto, além disso se apresentava bastante tolerante em relação aos muçulmanos e judeus. Segundo Baruque (2004-2005, p.

244-245), isso acirrou a disputa entre o imperador e os pontífices, chegando ao ponto de ser excomungado duas vezes. Por este motivo Dante o coloca entre os hereges.

Ao fazer a distribuição dos personagens em seus respectivos locais, o autor desconsidera laços históricos, posições e funções dentro da sociedade (AUERBACH, 1997, p. 122). Consoante Hilário Franco Jr. (2000, p. 69), devemos ter em mente que muitos dos personagens apresentados por Dante são tratados levando em consideração o sentimento que despertam no poeta. Em sua peregrinação pelo outro mundo, Dante-personagem realiza uma breve descrição dos condenados e expõe alguns feitos destes. Muitas vezes este fragmento exposto é o que, na visão do poeta, justifica o local ocupado pela alma no Além. Podemos exemplificar com a passagem do encontro do peregrino com o suicida Pier della Vigna (1190-1249), ministro de Frederico II:

Sou quem do coração ambas as chaves  
teve de Frederico; usando impulsos,  
ao abrir e fechá-las, tão suaves

que todos fiz do íntimo seu expulsos.  
Probidade exerci, no honroso ofício,  
tal que me fez perder o sono e os pulsos.  
(...)  
contra mim inflamou todo reduto  
que, inflamado, tanto inflamou Augusto,  
que ledo fausto tornou triste luto.

O meu desdém, lhe desprezando o custo,  
julgou co' a morte ser de injuria isento,  
e contra mim, justo, me dez injusto.

Juro, pelas raízes que o sustento  
são do meu tronco, que ao honrado meu  
senhor sempre com honra fui atento.  
(DANTE, *Inferno*, XIII, v. 58-63, 67-75)

Pier della Vigna foi chanceler e jurista de Frederico II da Suécia. Ele era bastante respeitado por seus feitos no cargo, entretanto, devido a intrigas e calúnias, ele foi acusado injustamente de traição (supostamente estaria armando uma conspiração contra Frederico II) e foi condenado à prisão (FANTIN, 2019, p. 17). O chanceler encontra-se no segundo giro do sétimo círculo, onde estão os violentos contra si ou contra seus bens, pois, quando estava na prisão, foi cegado com ferro quente e preferiu se matar batendo com a cabeça na parede (FANTIN, 2019, p. 17).

Dante Alighieri não uniformiza os indivíduos ao representá-los. Pelo contrário, suas convicções e especificidades são realçadas. Eles são descritos com suas características reais, possuem formas, corpos diferentes, são “magros ou gordos, altos ou baixos, fracos ou fortes, que sentem dor, alegria, anseios de justiça, de vingança, ciúmes, inveja e bondade”<sup>37</sup> (SEVCENKO, 1994, p. 40-41). Como foi possível perceber pelo caso de Pier della Vigna, o fragmento exposto da vida de cada personagem, ao julgo de Dante, serve tanto para caracterizar sua conduta enquanto vivo, como para demonstrar o fator determinante para a definição de seu destino no mundo pós-morte (AUERBACH, 1997, p. 180).

Dante Alighieri constrói sua narrativa por meio da seleção de personagens e eventos, demonstrando seu posicionamento em relação a eles. De acordo com Paul Ricœur (2007, p. 455), é impossível narrar sobre tudo, sendo assim, o ato de narrar comporta em si um caráter inelutavelmente seletivo. Consoante Ricœur, “pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela” (RICŒUR, 2007, p. 455). Este processo pode ser observado na *Divina Comédia*, uma vez que o autor seleciona uma parte da história de cada indivíduo para encaixá-lo na lógica estabelecida em seu cosmos. Para defender sua ideia de que a sociedade se encontrava em decadência, o poeta não poupa argumentos que demonstram sua indignação e revolta com o estado atual das coisas, especialmente em Florença e na Itália. Dante ataca a corrupção e todos os atrelados a ela, e defende a dignidade e a justiça a fim de restaurar um estado de harmonia (JUNQUEIRA FILHO, 2011, p. 246-247).

Como vimos no capítulo anterior, a Europa passava por importantes transformações que atingiram diversos setores da sociedade e impactaram profundamente a vida das pessoas. Visando a redenção humana, a crítica de Dante está voltada fundamentalmente às transformações políticas, sociais, econômicas e religiosas (LOUREIRO & SCARAMUSSA, 2002, p. 216). Sendo assim, embora a *Divina Comédia* narre uma viagem pelo mundo pós-morte, retrate sujeitos e situações no Além, a obra tem como base a vida terrena, sujeitos e acontecimentos do cotidiano da comunidade na qual o poeta estava inserido (AUERBACH, 1997, p. 165). Ao serem

---

<sup>37</sup> Dante atribui à alma a capacidade de ter as mesmas reações e sensações que o corpo, isso a tornava capaz de receber tortura (QUIRICO, 2011, p. 9).

enviados para o Inferno, suas almas permanecessem conscientes de quem foram e do que fizeram e “o espaço intemporal do sagrado só pode ser compreendido se for remetido à temporalidade histórica da terra e da sociedade, porque é somente dela que falam as almas penadas” (SEVCENKO, 1994, p. 41). Portanto, o contexto de Dante Alighieri, em seus aspectos sociais, econômicos, políticos etc., é fundamental para nossa compreensão sobre os personagens e episódios relatados por Dante.

## **2.2. A sociedade florentina dos séculos XIII-XIV**

Dante Alighieri nasce em 1265, momento em que Florença era uma das maiores cidades da Europa. Conforme aduz Eduardo Sterzi (2008, p. 31), a cidade possuía cerca de 100 mil habitantes, ficando próxima demograficamente a Paris, que possuía cerca de 200 mil habitantes. Entretanto, a grandeza da cidade pode ser notada pela riqueza produzida, acumulada e em circulação (STERZI, 2008, p. 31). De acordo com Jacques Le Goff (1989, p. 19) um dos principais pontos a serem observados no progresso do Ocidente a partir do séc. XI é o desenvolvimento urbano que atinge seu ápice por volta do séc. XIII. Para o autor, a cidade modifica o homem medieval e muda a forma como este se relaciona, uma vez que seu círculo familiar é restringido, entretanto a rede de comunidades das quais participa é ampliada. Segundo Nicolau Sevcenko,

o estabelecimento de contatos constantes e cada vez mais intensos com o Oriente, inicialmente através das Cruzadas e em seguida pela fixação ali de feitorias comerciais permanentes, garantiu um fluxo contínuo de produtos, especiarias e sobretudo um estilo de vida novo para a Europa (SEVCENKO, 1994, p. 5).

De acordo com Sevcenko (1994, p. 5), a Europa enfrenta um desenvolvimento da tecnologia agrícola e aumento de produção, além de um acelerado crescimento demográfico que provocou o surgimento dos burgos. Além disso, aparecem as primeiras casas bancárias voltadas a fins cambiais e empréstimos. Segundo Giorgia Brazzarola (2007, p. 331), a população das cidades aumentou devido a atração das atividades produtivas, principalmente artesanais. Conseqüentemente, as fronteiras das cidades, inclusive de Florença, passaram a ser ampliadas devido ao número cada vez maior de moradores (BRAZZAROLA, 2007, p. 331).

Dante aponta esse crescimento como uma das causas dos problemas enfrentados em Florença: “A gente nova e a rápida fortuna/ geram o orgulho que ora

se depara/ em ti Florença, e que já te importunam!” (DANTE, *Inferno*. XVI, v. 73-75). Além disso, para o poeta florentino, outro agravante dos empasses experienciados era a mescla de populações de diferentes regiões. Segundo o poeta, “Sempre que muita mescla se ocasione,/ para a cidade mau destino fada” (DANTE, *Paraíso*. XVI, v. 67-68). Como aponta Sevcenko (1994, p. 5), neste momento a Europa, principalmente a região de Florença, passa a ser frequentada por caravanas de mercadores, muitas das quais acabaram se alojando pela região formando um eixo comercial. Isso se deve ao posicionamento geográfico favorável em que se encontrava a península itálica, o que possibilitava a rota entre oriente, ocidente e o norte da África (PEREIRA, 2016, n/p).

As transformações na dinâmica da sociedade afetaram, também, a forma como os sujeitos se relacionavam em seu cotidiano. Segundo Le Goff (1989, p. 19), a Europa nesse período é marcada pela diversidade e mudança, transformações de estado e de condição. O autor argumenta que a mentalidade mercantil e do lucro dominavam.

As pessoas têm de estar constantemente precavidas contra a violência porque “a cidade leva ao crime”. As violências cívicas — exposições no pelourinho, flagelações, execuções de condenados — são, inclusivamente, oferecidas como espectáculo aos habitantes (LE GOFF, 1989, p. 19).

Dante denuncia diversos sujeitos envolvidos nessa mentalidade de ambição e criminalidade. Por exemplo, ao peregrinar pelo sétimo círculo, onde são punidos os violentos, no primeiro giro (dos salteadores que estão imersos até o peito do Flegetonte) Dante expõe: “as lágrimas que, co’ o fervor, descerra/ a Rinier da Corneto, que levou –/ qual Rinier Pazzo – às estradas sua guerra” (DANTE, *Inferno*. XII, v. 136-138). Os dois homens citados, Rinier da Corneto e Rinier Pazzo, eram dois conhecidos salteadores das estradas de Florença no século XIII (DANTE, *Inferno*. XII, nota 135). Podemos exemplificar, também, com os personagens presentes no primeiro giro do nono círculo, Caína. No local são punidos, congelados no Cócito, os traidores de seus parentes. Em meio às almas congeladas, Dante expõe assassinos cuja motivação para cometer o crime foi a obtenção de riquezas:

Depois de muito olhar para todo lado,  
dois eu vi encostados tão estreitos  
que até o cabelo haviam entrelaçado.  
(...)

Se esses quem são queres saber ao certo,  
o vale aonde o Bisenzo declina  
deles já foi e de seu pai Alberto.  
(DANTE, *Inferno*. XXXII, v. 40-42, 55-57)

Estes dois apontados por Dante são Napoleone e Alessandro, os dois eram filhos de Alberto degli Alberti (DANTE, *Inferno*. XXXII, nota 57). No segundo giro do sétimo círculo, dos suicidas e perdulários<sup>38</sup>, o poeta expõe duas almas, o primeiro é Ercolano Maconi: “O da frente: ‘Me acode, acode, Morte!’./ O outro, que de tardar sentia receio,/ ‘Lano’, dizia, ‘não tanto um só enleio./ Pra trás a selva estava de cadelas/ pretas repleta, ágeis e furentes, quais galgos escapando de suas trelas” (DANTE, *Inferno*. XIII, v. 118-126). Ercolano, ou Lano como Dante o chama, foi um dilapidador que acabou com toda a sua fortuna e depois procurou dar fim à sua vida na batalha de Toppo em 1287<sup>39</sup>, porém morreu enquanto tentava fugir (DANTE, *Inferno*. XIII, nota 120). Nos versos seguintes o poeta narra que essa alma correu para os arbustos formados pela alma do suicida que lamenta estar destruído. Dante então menciona outro perdulário conhecido – Giacomo de Santo Andrea: “‘Ó Giacomo de Santo Andrea’, clamava,/ ‘que te valeu de mim fazer-te amparo?/ que culpa eu tenho de tua vida prava?’” (DANTE, *Inferno*. XIII, v. 133-135).

Segundo Hilário Franco Jr. (2000, p. 23), a expansão e desenvolvimento observados em Florença fez com que fosse desenvolvida o florim de ouro, moeda que logo se atingiu circulação internacional. Dante aponta entre os condenados da décima vala do oitavo círculo, onde estão os falsificadores cobertos por sarna, Mestre Adamo:

aqui do mestre Adamo o esfacelo:  
vivo, bem satisfaz as minhas guinas,  
e agora, ai! pra uma gota d’água anelo.  
(...)

Lá está Romena, onde eu falsifiquei  
a moeda cunhada co’ o Batista,  
por que sexo meu corpo lá deixei.

Mas, caso aqui encontrasse a alma malquista  
de Alessandro, ou do irmão outro, ou de Guido,  
nem Fonte Branda pagaria essa vista  
(DANTE, *Inferno*. XXX, v. 61-63, 73-78).

---

<sup>38</sup> Aqueles que gastaram excessivamente, foram esbanjadores e gastaram desmedidamente.

<sup>39</sup> Batalha travada entre Arezzo e Siena, respectivamente Gibelinos e Guelfos, na qual os Gibelinos saíram vitoriosos.

Mestre Adamo cunhava com liga falseada os florins de Florença que tinham a imagem de São João Batista. Ele fazia por incitação dos condes de Romena – Guido, Aghinolfo e Alessandro. Quando foi descoberto, Mestre Adamo foi condenado à morte na fogueira (DANTE, *Inferno*. XXX, nota 61). Como podemos perceber, a Florença do contexto de Dante era um grande centro de atividades econômicas, contava com “comerciantes e banqueiros espalhados por toda a Europa e servindo clientes como o Papado e a Monarquia da Inglaterra” (FRANCO JR., 2000, p. 23). Dante ataca duramente esta relação de disputa por poder e enriquecimento de ambas as instituições. Buscaremos explorar as críticas apontadas por Dante, principalmente envolvendo o conflito entre Gibelinos e Guelfos e, posteriormente, entre Guelfos Brancos e Negros.

### **2.3. Personagens representados no Inferno e suas relações com os conflitos entre Papado e Monarquia**

Como acabamos de ver, a lógica sobre a qual a sociedade se organizava sofre alterações à medida em que a dinâmica das cidades foi se alterando. Paralelamente a esse processo, a nobreza tinha seu domínio enfraquecido e passado às mãos das novas camadas sociais que ganham destaque, os burgueses, pautados na ideia de iniciativa individual, enriquecimento e sucesso pessoal (BRAZZAROLA, 2007, p. 332). Esses burgueses, formados principalmente por mercadores enriquecidos, vinham desempenhando papel importante na nova lógica econômica das cidades e passam a buscar formas de conquistar poder e prestígio social (SEVCENKO, 1994, p. 5). Esse grupo de burgueses assumiu o poder político e econômico e repartiu-se em “*popolo grasso*<sup>40</sup> (financeiros e ricos mercantes) e *popolo minuto*<sup>41</sup> (artesões e negociantes) que, de forma democrática, se organizou nas diferentes corporações das *Arti* (corporações de comerciantes e de artesãos)” (BRAZZAROLA, 2007, p. 332). O desenvolvimento econômico e crescimento populacional levaram a sociedade a rebelar-se contra os domínios das autoridades locais, bispos e senhores feudais, sendo que muitas comunidades passaram a indicar seus próprios dirigentes (FRANCO JR., 2000, p. 17).

---

<sup>40</sup> Título dado nas comunas italianas, por volta dos séculos XIII-XV, àqueles que eram ricos e influentes, membros importantes da sociedade, significava literalmente "gente gorda".

<sup>41</sup> Oposto a *popolo grasso*, este era o título dado aos pertencentes ao estrato urbano mais pobre das comunas italianas nos séculos XIII-XV.

Como já argumentamos no capítulo anterior, a *Bíblia* era a autoridade maior neste período. Consoante Brazzarola (2007, p. 333), buscavam nela argumentos para legitimar o poder, pautados, principalmente na alegação da derivação do poder diretamente de Deus, dando a quem o recebesse o direito de exercer o domínio e receber tributos<sup>42</sup>. Durante a Idade Média, identificamos a autoridade política dos imperadores (*imperium*) e a autoridade espiritual vinda dos papas (*sacerdotium*) (BRAZZAROLA, 2007, p. 333). O conflito tem origem quando os poderes começam a se fundir sobre uma única figura. Entre os séculos XI e XII, os papas passaram a defender que somente os membros do *sacerdotium* tinham o poder instituído diretamente por Deus, enquanto o poder do *imperium* só poderia ser garantido pelos papas (BRAZZAROLA, 2007, p. 333). Este ponto será mais bem discutido no terceiro capítulo, onde trabalharemos a querela entre Monarquia e Papado e argumentação de Dante a respeito destes conflitos.

Em várias partes do *Inferno* são apontados religiosos e organizações religiosas que se corromperam, possuíam práticas mundanas e passaram a pensar sob a lógica da obtenção de poder e riquezas. No sexto círculo, entre os heréticos em túmulos em chamas, está o Cardeal Ottaviano degli Ubaldini (1214-1273), mundano que mantinha laços de amizade com Gibelinos (DANTE, *Inferno*. X, nota 120). Mais à frente, na terceira vala do oitavo círculo, dos simoníacos de cabeça para baixo em buracos, Dante aponta Nicolau III (1225-1280): “saibas que eu fui vestido do Grão Manto,/ mas da Ursa, em verdade, me criei;/ por tanto a ursinhos procurar venturas,/ ouro lá, e a mim mesmo aqui embolsei” (DANTE, *Inferno*. XIX, v. 69-72). Nicolau III era membro da família Orsini, a qual possuía uma ursa como brasão. O papa aproveitou-se de sua posição para enriquecer-se juntamente com sua família, para a qual distribuiu diversos favores (DANTE, *Inferno*. XIX, nota 69-72). Já na sexta vala do oitavo círculo, em meio aos hipócritas que desfilam com capas de chumbo, Dante apresenta Catalano e Loderingo: “Frades Gaudentes fomos e, em confiança,/ (eu Catalano e este é Loderingo)” (DANTE, *Inferno*. XXIII, v. 103-104). O título de Frades Gaudentes foi dado aos monges da Ordem dos Cavaleiros de Maria Virgem e Gloriosa, que tinham

---

<sup>42</sup> Conforme consta na *Carta de São Paulo aos Romanos* (13:1-7), todos estão sujeitos às potestades superiores, pois elas vêm e são ordenadas por Deus. Sendo assim, quem resistir a esse poder, está resistindo à ordenação de Deus. Além disso, consta que essas potestades só seriam más para quem fizesse obras más, caso contrário não teria por que temer. Por fim, ainda discorre sobre a importância do pagamento de tributos e impostos às potestades.

um comportamento que não condizia com seus postos, eram mundanos e relaxados (DANTE, *Inferno*. XXIII, nota 103).

O processo de desenvolvimento das comunas, obtenção de relativa independência, complexificação do sistema político, além do crescimento econômico e territorial entre outros fatores, deu origem às comunas e cidades-Estados. Estas, de acordo com Franco Jr. (2000, p. 18), ao obterem poder, dominavam a região ao seu redor e cobravam taxas, prestação de serviços, alimentos, matérias-primas e mão de obra. Segundo o autor supracitado, quando essas comunas se expandiam era comum que passassem a fazer fronteira com outras comunas, processo que tornou frequente os conflitos de interesses entre grupos.

Neste contexto de crescimento, desenvolvimento e conflitos entre grupos podemos destacar a disputa entre Igreja e o Sacro Império Romano Germânico. Surgem dois partidos que disputarão o poder e dominarão o cenário: Gibelinos e Guelfos. Consoante a Brazzarola (2007, p. 333), os Gibelinos reivindicavam a distinção entre poder temporal e poder espiritual, enquanto os Guelfos defendiam o poder absoluto do papa. O poeta coloca no Inferno, mais precisamente na nona vala do oitavo círculo, dos causadores de discórdia familiares e cismas religiosos que são atacados por um diabo armado com uma espada, Mosca dei Lamberti: “gritou: ‘Ora recorda o pobre Mosca,/ que disse: *Coisa feita feita está,/* que pra os toscanos foi semente tosca” (DANTE, *Inferno*. XXVIII, v. 106-108). De acordo com o poeta, Mosca dei Lamberti teria sido um estimulador de discórdia e foi o responsável por iniciar o conflito que culminou na divisão dos toscanos em Guelfos e Gibelinos (DANTE, *Inferno*. XXVIII, nota 120).

De acordo com Franco Jr. (2000, p. 24) cinco anos antes do nascimento de Dante, os Gibelinos de Siena e Florença se uniram contra os Guelfos florentinos e venceram a Batalha de Montaperti. De acordo com Roberta J. M. Olson (1997, p. 289) neste conflito ocorrido em 4 de setembro de 1260, os Guelfos florentinos sofreram uma derrota sangrenta contra os Gibelinos. O poeta apresenta no segundo giro do nono círculo, dos traidores da pátria congelados no Cócito, Bocca degli Abati:

que gritou em pranto: “Por que me atropelas?  
se tu não vens para crescer vingança  
de Montaperti, por que me flagelas?”

(...)

quando um outro gritou: “Que tens tu, Bocca?  
não te basta soar com tua queixada,

mas ladrar? que Diabo ora te toca?”.

“Ora”, tornei, “ouvir não vou mais nada,  
que por mim, traidor, e por tua afronta  
boa notícia de ti será levada”  
(DANTE, *Inferno*. XXXII, v. 79-81, 106-111).

Na Batalha de Montaperti os Guelfos foram traídos por Bocca degli Abati, sendo a traição um dos motivos que ajudaram na vitória dos Gibelinos. Com a derrota, os principais membros dos Guelfos foram exilados, menos a família Alighieri, o que, para Franco Jr. (2000, p. 25) demonstra a insignificância de Dante até então.

Em geral, as grandes famílias apoiavam os Gibelinos, enquanto as cidades ficavam ao lado dos Guelfos. Esta divisão se refletiu também na geografia da península: os nobres da maior parte das cidades do Norte estavam ao lado dos Gibelinos; aqueles das regiões centrais ao lado dos Guelfos. Pisa, Verona e Arezzo eram fortalezas gibelinas, ao contrário de Bolonha, Milão e, sobretudo, Florença, que eram redutos Guelfos (BRAZZAROLA, 2007, p. 333).

Dante distribui em seu *Inferno* diversos homens que estiveram atrelados a esses conflitos políticos, podemos destacar, Farinata degli Uberti no sexto círculo, dos heréticos queimando em túmulos abertos, que foi chefe da facção dos Gibelinos por muitos anos (DANTE, *Inferno*. X, nota 37), inclusive liderava-os quando venceram os Guelfos na Batalha de Montaperti (OLSO, 1997, p. 289). Ainda no sexto círculo encontra-se Cavalcante Cavalcanti, que pertencia aos Guelfos e, com a divisão destes, filiou-se aos Brancos (*Enciclopédia Dantesca*, p. 339).

Ademais, entre os sodomitas do terceiro giro do sétimo círculo está o gibelino Guido Guerra (Dante, *Inferno*. XVI, nota 38) e o guelfo Tegghiaio Aldobrandi (Dante, *Inferno*. XVI, nota 41). Já no oitavo círculo, dos fraudulentos, Dante apresenta: na primeira vala, dos rufiões e sedutores, Venedico Caccianemico que teria sido chefe dos Guelfos de Bolonha (DANTE, *Inferno*. XVIII, nota 50); e na segunda vala, dos adutores, Dante expõe Alessio Interminei que foi um dos guelfo brancos de Lucca (DANTE, *Inferno*. XVIII, nota 122).

Por fim, entre os traidores da pátria do segundo giro do nono círculo, Dante apresenta mais homens que contribuíram com os conflitos políticos. Podemos destacar entre eles: Bocca degli Abati, já mencionado anteriormente; Beccheria, homem do contexto de Dante que foi acusado de manter relações escondidas com Gibelinos (*Enciclopédia Dantesca*, 1896, p. 204); e, por fim, Gianni de' Soldanieri e

Tebaldello, ambos pertencentes a famílias gibelinas, mas que traíram suas origens em favor dos Guelfos (*Enciclopédia Dantesca*, 1896, p. 898, 748).

Os Guelfos florentinos assumiram o poder em Florença após uma guerra civil que perdurou até 1266 quando os Gibelinos foram derrotados e exilados (BRAZZAROLA, 2007, p. 333). Sem a presença dos Gibelinos disputando o poder, ou seja, sem a parcela de poder do Império, Florença ficou cada vez mais a mercê somente do controle do papa. Conforme argumenta Ronny Costa Pereira (2018, p. 3), a pressão fez com que os membros do partido dos Guelfos se dividissem entre Brancos e Negros, respectivamente: famílias nobres de menos influência, mas que tiveram relativa ascensão juntamente com o crescimento da cidade; e famílias da nobreza tradicional de Florença. Os Negros apoiavam o papa contra as ambições do imperador, enquanto os Brancos respeitavam o Papado, entretanto eram contrários à interferência eclesiástica na comuna (DUARTE, 2014, p. 182).

Os Brancos atendiam aos interesses da pequena nobreza feudal e dos artesãos, enquanto os Negros representavam a nova burguesia dos mercantes e dos banqueiros (BRAZZAROLA, 2007, p. 333). Apesar de pertencer a uma linhagem que o ligava aos Negros, Dante se filia aos Brancos (DUARTE, 2014, p. 182).

Na Florença de 1293, para poder exercer qualquer atividade política, era obrigatório pertencer a uma das 21 *Arti* (com essa subdivisão a aristocracia era excluída do poder). O próprio Dante teve que se filiar à Corporação dos Boticários (por um artifício legal, filósofos e literatos podiam ser aceitos pela referida corporação) para participar da vida política da cidade (BRAZZAROLA, 2007, p. 332).

O grande inimigo de Dante Alighieri é o Papa Bonifácio VIII<sup>43</sup>. Ele subiu ao poder após a renúncia de Celestino V, o qual Dante coloca no átrio do Inferno, onde estão os que foram frouxos em sua conduta: “Alguns reconheci nessa confusa/multidão, e eis que aquele apareceu/ que fez por covardia a grã recusa” (DANTE, *Inferno*. III, v. 58-59). O papa se considerava incapaz de assumir tal posto, segundo consta em sua carta de renúncia:

Eu Celestino V, Papa, considerando-me incapaz deste encargo, tanto devido à minha ignorância como à velhice e debilidade, e ainda pela vida puramente contemplativa que levei até aqui, declaro que quero

---

<sup>43</sup> Seu nome de batismo era Benedetto Caetani. Bonifácio VIII comandou a Igreja Católica de 24 de dezembro de 1294 até sua morte, em 1303. Era de origem nobre, e nasceu em Roma, em 1235. Ingressou na carreira religiosa em sua adolescência, assumindo o trono papalino em 1294 após a abdicação de Celestino V.

abandonar este cargo, que não posso continuar a ocupar; abandono a dignidade papal, os seus deveres e as suas honras (Rusconi, 2013, p. 62 *apud* SAPATO, 2014, n/p).

O poeta considera que ele foi covarde e responsável por deixar subir ao poder Bonifácio VIII. De acordo com Sérgio Ricardo Strefling (2007, p 410), Bonifácio era um jurista, enérgico e agia com inteligência e idealismo. O problema estaria no fato de governar com uma mentalidade que não se encaixava mais com a sociedade que havia sofrido intensas mudanças (STREFLING, 2007, p. 410).

O posicionamento de Dante a favor dos Brancos gerou revolta nos Negros, pois tinham medo que mais cônsules fossem influenciados e eles perdessem ainda mais os privilégios obtidos com a interferência do papa (PEREIRA, 2018, p. 4). Em 1300, Dante é eleito como um dos seis priores de Florença (STERZI, 2008, p. 45) e neste mesmo ano os dois grupos entram em conflitos novamente e os priores, incluindo Dante, expulsam os líderes de ambas as facções. Porém, a medida é parcial e atinge mais os Negros, que se sentem injustiçados e recorrem a Bonifácio VIII em busca de ajuda (DUARTE, 2014, p. 182). O papa não possuía afinidade com os Brancos, pois, além de ideais diferentes, entre seus membros estariam alguns remanescentes dos Gibelinos (BRAZZAROLA, 2007, p. 338).

Bonifácio VIII convocou Dante em 1301, junto com outros líderes, para que fosse esclarecido o motivo da expulsão dos membros dos partidos (PEREIRA, 2018, p. 4). Dante estava em Roma para impedir o envio de Negros juntamente com o conde Carlos Valois (1285-1325), irmão de Felipe, o Belo, rei de França, à Florença (DUARTE, 2014, p. 182), quando eclodiu uma luta armada em terras florentinas. Bonifácio VIII pediu auxílio às forças militares francesas que se uniram aos Negros e invadiram a comuna (BRAZZAROLA, 2007, p. 338). Segundo Auerbach (1997, p. 97), Charles Valois chega em Florença em 04 de outubro de 1301, juntamente com dois embaixadores e quatro advogados de Bolonha. Valois ocupa a cidade em 01 de novembro do mesmo ano (AUERBACH, 1997, p. 97).

Com esse auxílio os Negros tomam o poder e os principais membros dos Brancos, incluindo Dante, são condenados ao pagamento de multa e banimento de qualquer participação política (BRAZZAROLA, 2007, p. 338). De acordo com Auerbach (1997, p. 97), no episódio foram condenados mais de 600 Brancos, e Dante

foi condenado *in absentia*<sup>44</sup> em 27 de janeiro de 1302, ao banimento por dois anos e ao pagamento de uma multa de 5.000 florins. Dante não cumpre a ordem e acaba sentenciado à morte (AUERBACH, 1997, p. 97).

Pierre Ansart (2005, p. 15) ao tratar do sentimento de humilhação política, argumenta que a humilhação se trata de um sentimento de impotência. Segundo o autor, esse processo se dá de forma desigual, envolvendo um agente que sofre influência e outro agente que a exerce. Consoante ao autor, a vítima é desrespeitada, atacada em interioridade e em seu amor próprio. Segundo Auerbach (1997, p. 98), Dante perdeu tudo que tinha, seu partido, sua pátria, e estando “só, ele se tornou um exilado impotente, cuja posição social e material passou a depender da hospitalidade de amigos pessoais e protetores (AUERBACH, 1997, p. 98).

O poeta recorreu a produção intelectual para reformar a sociedade, e por meio disso almejava satisfazer sua ânsia deixar sua fama na terra, ser reconhecido (AUERBACH, 1997, p. 98). Durante sua passagem pelo Paraíso, Dante argumenta: “Desta joia, que mais está esplendendo/ perto de mim, a fama sobranceira/ – o século que finda perfazendo –/ brilhará por mais cinco sempre inteira;/ vemos assim que de homem excelente/ deixa na Terra outra vida à primeira” (DANTE, *Paraíso*. IX, v. 37-42). Posto isso, o poeta florentino considerava que a vida perfeita faria com que o homem deixasse na terra sua fama, a qual seria mais duradoura e perpetuaria por vários séculos (DANTE, *Paraíso*. IX, n. 41-2).

Depois desse episódio de humilhações políticas, Dante não perdeu por completo as esperanças de retornar à Florença. Ele, juntamente com outros Guelfos Brancos e alguns Gibelinos de Florença organizaram um plano para tentar tomar novamente o poder (FRANCO JR.. 2000, p. 36). As esperanças políticas de Dante ganharam impulso quando o imperador Henrique VII<sup>45</sup> foi à Itália (AUERBACH, 1997, p158). Segundo Franco Jr. (2000, p. 40), com a submissão do papa ao rei da França<sup>46</sup>, o recém coroado Henrique VII resolve ir até a península Itálica, este episódio é relatado por Dante durante sua peregrinação pelo Purgatório: “Vem, para ver tua

---

<sup>44</sup> Termo em latim que significa "em ausência".

<sup>45</sup> Henrique VII foi conde de Luxemburgo e se tornou imperador do Sacro Império Romano da Alemanha de 1308 a 1313.

<sup>46</sup> Com a morte de Bonifácio VIII, sobe ao trono papalino Bento XI, o qual fica pouco tempo. Quanto Bento XI sai do trono, quem o substitui é um francês chamado Clemente V. Com isso Felipe, o Belo, consegue o Papado para a França e o Pontífice passa a residir em Avinhão, tornando-se submisso ao rei francês (STREFLING, 2007, p. 418).

Roma que chora;/ viúva e só, e dia e noite chama:/ ‘Ó César meu, por que tanta demora?’” (DANTE, *Purgatório*. VI, v. 112-114).

Como mostra Franco Jr. (2000, p. 41-45), animado com a possibilidade de colocar fim aos conflitos, Dante parte para encontrar Henrique VII e convencê-lo a tomar Florença. Entretanto, perde as esperanças por conta da fraqueza do imperador e sua indecisão sobre atacar ou não Florença, além disso, havia um forte sentimento contra o anti-império na região (FRANCO JR., 2000, p. 41-45). Segundo Auerbach (1997, p. 104), a morte de Henrique VII, em 1313, deixa Dante desiludido com a situação política. Dante se refere a Henrique em sua passagem pelo Paraíso:

Na grã cadeira a que atento te vejo  
pela coroa que vês nela já posta,  
inda antes da tua volta a este festejo,  
  
a alma estará de Henrique que, proposta  
a endireitar a Itália, será eleita  
a tanto, antes de estar-lhe ela disposta.

A cega cupidez que vos sujeito  
semelhantes vos faz pequenino  
que, de fome a morrer, a ama rejeita  
(DANTE, *Paraíso*. XXX, v. 133-141).

Como podemos perceber, Florença e todos os seus acontecimentos são fatores fundamentais para a compreensão dos elementos presentes na *Divina Comédia*. O

o amor do poeta por Florença, seu desejo de voltar um dia, o amargor da experiência vivida, acrescentam vigor à condenação da terra natal. Mas afora os motivos pessoais, Florença era, de todas as cidades italianas, o mais claro exemplo de tudo o que Dante abominava (AUERBACH, 1997, p. 155).

As esperanças no reestabelecimento da ordem política com o surgimento de Henrique VII foi porque o imperador defendia a ideia de Imperador Universal, além de ter “a ilusão de poder ressuscitar ‘o cadáver’ desempenhando um papel de árbitro, de pacificador acima das facções que dilaceram a Itália” (CHEVALLIER, 1982, p. 236). Como veremos no capítulo seguinte, Dante também defendia a necessidade de um poder universal – Monarquia Universal. Este poder seria responsável por controlar todos os conflitos e estabelecer a paz. Para compreender melhor estas ideias do poeta, é necessário que recorramos a outras produções nas quais ele aprofunda suas discussões.

O momento de exílio foi bastante fértil para Dante, do ponto de vista de sua produção intelectual. O poeta elaborou diversas obras, deixou cartas e, principalmente, produziu suas obras mais conhecidas: *Divina Comédia* (sendo o *Inferno* produzido nos primeiros anos de exílio), *Convívio* e *Monarquia*. As duas últimas nos serão úteis na compreensão de algumas ideias esboçadas pelo poeta durante a descrição de sua peregrinação relatada na *Divina Comédia*.

De acordo com Eduardo Sterzi (2008, p. 46), o poeta começa a produzir o *Convívio* por volta de 1304, neste mesmo ano ele dá início à escrita do *Inferno* (concluído em 1308), primeira parte da *Divina Comédia* (concluída somente em 1321). Em *Convívio*, Dante busca demonstrar a forma como encara a Filosofia, sua importância e relação com aqueles que desejavam ocupar cargos públicos (CALAFATE, 2009, p. 405). Sendo assim, o *Convívio* funcionaria como uma iniciação filosófica, uma vez que a obra esclarece questões sobre as relações entre a filosofia e a autoridade do Império, traça princípios e formas para que a perfeição seja atingida por meio deste saber (CALAFATE, 2009, p. 405).

Além disso, Gabriel F. A. Paizani (2010, p. 10) mostra que nesta obra Dante discute a diferença entre as diferentes nobrezas: uma pessoal e outra transmitida e herdada do passado (a partir do testemunho dos antigos). A nobreza pessoal seria mais importante, pois o florentino considerava este atributo como sendo algo individual, portanto, não seria possível transmiti-la como herança (PAIZANI, 2010, p. 10). Dante tece críticas aos sujeitos que se vangloriavam de sua descendência aristocrática ou sanguínea, pois, na sua visão, os que possuíam a graça divina seriam superiores, sem vícios. Posto isso, Dante concebe que “as virtudes são fruto da nobreza, depositada por Deus nas almas retas, aos que têm intelecto, a semente da felicidade” (PAIZANI, 2010, p. 10). Portanto:

No *Convívio* encontramos a delineação de uma existência perfeita e "nobre", deixando claro que a cultura do espírito se reserva a uma elite, corifeu da comunidade humana, atribuindo um grande valor à razão, sempre se preocupando através de quais métodos reconquistar/fundar a verdadeira "nobreza". A vida ativa, a ação do indivíduo na sociedade e do político na cidade, são fatores que também contém grande importância nesta obra (PAIZANI, 2010, p. 50).

Karine Salgado e Thiago A. Feital (2011, p. 70) argumentam que esta obra dantesca traz a defesa do poeta em relação a independência da autoridade Imperial em relação ao poder Papal. Tendo visto que Dante foi atingido por alguns conflitos

causados pela relação do Império e da Igreja, como veremos a seguir, o poeta defende que além de haver a independência dos poderes, a autonomia do Império era necessária para guiar o homem ao seu fim último, a felicidade terrena. Os argumentos que mais nos interessam presentes em *Convívio* estão relacionadas com a tentativa de legitimação do poder do Império Romano e da necessidade de existir um Monarca Universal. Estes assuntos também são pautas trabalhadas por Dante Alighieri em *Monarquia*.

De acordo com Sterzi (2008, p. 46-47), a *Monarquia* foi escrita provavelmente em 1318. Nesta obra o florentino produz um tratado político visando resolver os conflitos assistidos por ele e percebidos pela análise da história da sociedade. Consoante Pedro Calafate (2009, p. 406), o poeta apresenta de forma detalhada a sua defesa da constituição de uma sociedade governada por um Monarca Universal, que regeria com princípios de justiça e paz. O poeta defende que somente em conjunto o ser humano poderia exercer perfeitamente seu intelecto, “atribuindo assim uma base gnosiológica e estritamente filosófica ao poder temporal e à Monarquia Universal, que teria como fim, precisamente, a actualização do intelecto possível” (CALAFATE, 2009, p. 406).

Durante as três partes que constituem a *Monarquia*, ele realiza uma defesa da importância da separação entre os poderes temporal e espiritual (CROCHES; SILVA; ROMEU, 2013, p. 393). As respectivas partes são: “*Necessidade da Monarquia*”, “*Como o povo romano obteve legitimamente o encargo da Monarquia e do Império*” e “*O encargo da Monarquia e do Império provém imediatamente de Deus*”.

Na primeira parte do livro, “*Necessidade da Monarquia*”, Dante explica que o homem vive em sociedade, o que torna necessário que ele esteja inserido em seu meio social. Este meio estaria dividido em dois planos: um espiritual e outro terreno. Na visão do poeta, a finalidade humana só seria atingida quando a paz fosse concretizada sob a liderança de um Monarca Universal que garantiria todas as condições necessárias para a plena realização do homem a partir da concretização de seu duplo fim.

Na segunda parte, “*Como o povo romano obteve legitimamente o encargo da Monarquia e do Império*”, o autor retoma fatos históricos envolvendo o Império Romano, para argumentar em defesa do estabelecimento de um governo Universal.

O poeta demonstra que o Império Romano dominou todo o mundo por vontade e com o auxílio da Divina Providência, por isso sobressaíram entre os demais povos.

Por fim, no terceiro livro, “*O encargo da Monarquia e do Império provém imediatamente de Deus*”, Dante conclui sua defesa da necessidade do Monarca Universal. Para isso, utiliza argumentos filosóficos, históricos e bíblicos para defender a diferença entre cada esfera de poder (temporal e espiritual). Por serem áreas distintas, seriam cargos de governo distintos: o poder temporal seria dever do Imperador e o poder espiritual seria competência da Igreja. Sendo importante ressaltar a independência e diferença de ambas as esferas.

Portanto, foi possível perceber que é fundamental que exploremos o contexto de Dante Alighieri. Ele idealiza e constrói suas obras tendo como base os conflitos políticos e religiosos nos quais se envolveu, as condições em que a sociedade se encontrava, as relações sociais, culturais e econômicas que tiveram origem no desenvolvimento das cidades. A partir disso, podemos compreender suas motivações ao elaborar seus argumentos presentes em suas obras.

As obras produzidas no momento de seu exílio político permitiram que Dante expressasse todos os seus descontentamentos e opiniões. Para isso ele atacou ideias, acusou e denunciou seus inimigos e todos aqueles que ele acreditava terem contribuído de alguma forma com as desgraças ocorridas em sua vida e em Florença. Em resposta a esses problemas identificados, Dante propõe reformas que solucionariam os conflitos que perturbavam a paz das cidades e ajudaria o ser humano na busca pela felicidade. A seguir trataremos das refutações de Dante aos argumentos que foram responsáveis por incentivar as disputas entre Papado e Monarquia. Além disso, iremos abordar algumas das soluções propostas de Dante para resolver essas querelas.

### 3. EM DEFESA DA SEPARAÇÃO ENTRE PODERES ESPIRITUAL E TEMPORAL E A DEFESA DE UMA MONARQUIA UNIVERSAL

Como foi perceptível no desenvolvimento dos capítulos anteriores, para compreender as ideias presentes nas obras de Dante Alighieri é preciso levar em consideração toda a atmosfera social em que o poeta estava envolvido. Devemos ponderar sobre o “local onde se formou, os meios com os quais convive, qual sua posição social e, sobretudo, compreender quais questões o autor estava tentando responder por meio dos argumentos por ele apresentados” (MELIN, 2019, p. 92).

De acordo com Mariana Amorim Romero (2014, p. 326), Dante viveu a passagem do século XIII para o XIV, conseqüentemente, o poeta elabora suas obras a partir da união entre a abundante atividade intelectual do século XIII e as angústias e conflitos ocorridos no XIV. Após a sentença de exílio, Dante Alighieri direciona sua reflexão às questões políticas, sociais (BRAZZAROLA, 2007, p. 339) e, principalmente, ao destino último do homem (FRANCO JR., 2000, p. 36).

#### 3.1. Crítica dantesca aos conflitos entre os poderes espiritual e laico

A passagem do século XIII para o XIV é marcada pela disputa entre duas instituições: Papado e Império. Na visão de Dante Alighieri, estas instituições haviam sido corrompidas devido à mistura entre os poderes secular e espiritual, sendo a Igreja primariamente culpada (PEREIRA, 2018, p. 7). Segundo Erich Auerbach (1997, p. 154-155), Dante considerava que o equilíbrio ordenado por Deus havia sido infringido e a raiz do mal era a opulência da Igreja que não deveria possuir bens terrenos. Para o florentino, os conflitos ocorreram “pois, a Igreja de Roma que planeia/ ter em si dois poderes confundidos,/ cai na lama e conspurca a si e a sua preia”<sup>47</sup> (DANTE, *Purgatório*. XVI, v. 127-129).

---

<sup>47</sup> De acordo com Auerbach (1997, p. 154), Dante expressa seu descontentamento com a conduta da Igreja em diversas partes de suas obras, entretanto uma de suas metáforas merece destaque, pois Dante representa a submissão da Igreja ao Rei da França. Auerbach aponta que durante a passagem de Dante-personagem pelo Paraíso Terrestre (DANTE, *Purgatório*. XXXII, v. 112-160), ele vê um Carro (simbolizando a Igreja guiada por Cristo) que estava amarrado na mesma árvore que provocou o pecado original (representando a ordem terrena ou o Império Romano). Dante (a sociedade) descansa em paz debaixo da árvore e quando acorda vê uma Águia (Império Romano) investindo contra o Carro (Igreja), seguido por uma raposa (heréticos). Segundo Auerbach, o desastre maior ocorre quando a Águia cobre o Carro com suas asas (Doação de Constantino), deixando suas penas (bens terrenos) sobre este e um Dragão (Satanás) aparece arrancando o fundo do Carro (as heresias). Na boleia está uma Prostituta (Cúria Romana) e um Gigante (poder ilegítimo), o qual carrega o Carro para a floresta (Avignon, para onde Felipe IV levou a sede da Igreja) (AUERBACH, 1997, p. 154).

Ocorrerem diversos conflitos anteriores ao recorte temporal sob o qual realizamos nossa discussão desde o início deste trabalho. Entretanto,

por mais violentos que possam ter sido os conflitos anteriores, no interior da *respublica christiana*, entre a sociedade política, *regnum* (em sentido lato) e a sociedade clerical, *sacerdotium*, o problema geral de suas relações mútuas só se configurou realmente, em toda a sua amplitude doutrinária, por ocasião dessa memorável Querrela [conflitos com Bonifácio VIII] (CHEVALLIER, 1982, p. 229).

Como já vimos, Dante está inserido em cenário marcado por interferências do papa Bonifácio VIII em questões pertencentes ao âmbito secular na região da península Itálica. O poeta carregava um ódio indisfarçável contra o pontífice, pois o considerava responsável por sua desgraça pessoal e pela decadência da Igreja (FRANCO JR., 2000, p. 37). Segundo Auerbach (1997, p. 87), a conduta de Bonifácio VIII não condizia com o que se esperava do representante de uma instituição divina, sendo seus atos condenáveis tanto do ponto de vista religioso, quanto do secular.

O papa tentou se aproveitar da situação conturbada da região da Itália para tentar dominá-la (AUERBACH, 1997, p. 87) e sua conduta deixava claro o seu interesse em difundir e sobrepor sua soberania ao poder temporal, recapitulando o direito pontifício de conceder o título ao Imperador e submetê-lo ao poder espiritual, perpetuando o próprio poder<sup>48</sup> (MELIN, 2019, p. 41-42). Bonifácio desejava a submissão total de tudo e todos ao seu poder e, para auxiliar na dominação, alertava sobre o risco de excomunhão de todo aquele que se opusesse à sua soberania (STREFLING, 2007, p. 417).

A hierocracia<sup>49</sup> atinge seu auge, em teoria, quando Bonifácio VIII se torna papa, mas, na prática, a instituição vinha perdendo força diante da crescente autonomia dos *stati* monárquicos, principalmente no caso francês (MELIN, 2019, p. 12). Felipe IV, de França, desde 1297 declarava que o governo temporal de seu reino pertencia

---

<sup>48</sup> Anna Carletti (2010, p. 6) salienta que, até o século XI, os imperadores consideravam a nomeação de membros da Igreja um direito do Império, em contrapartida a Igreja via a interferência como descabida. Em resposta, Gregório VII elaborou um conjunto de proposições, entre as quais, estava a proibição ao imperador Henrique IV, do Sacro Império Romano Germânico, de nomear bispos, sob ameaça de excomunhão. Carletti assinala que essa proibição deu início a um período de “Luta das Investiduras” e, para restabelecer a paz, o imperador foi obrigado a aceitar o *Dictatus papae* (1075). Este documento defendia a supremacia da Igreja de Roma e do papa sobre o Império, o que deu bases ao futuro Estado Teocrático, pois foi atribuído ao papa o direito de conferir cargos eclesiásticos e temporais (CARLETTI, 2010, p. 6).

<sup>49</sup> Governo exercido por eclesiásticos que recorrem a um sistema de concepções religiosas para organizar a sociedade.

somente a ele (CHEVALLIER, 1982, p. 232). Entretanto, o Papado constantemente promulgava decretos que atingiam todas as esferas da sociedade cristã, na tentativa de sobrepor-se ao poder secular (MELIN, 2019, p. 32).

As medidas de Bonifácio eram amparadas por argumentos retirados de passagens bíblicas e em eventos históricos. Segundo Jean Jacques Chevallier (1982, p. 229), Gilles de Roma<sup>50</sup> (*Aegidius Romanus*), um dos membros do grupo defensor da supremacia do poder do Papado e responsável por elaborar teses de defesa da instituição, via a ordem do universo como uma hierarquia única, na qual o poder dos níveis inferiores derivava dos superiores. A partir desta perspectiva, defendia-se que todos os reinos temporais deveriam estar sob administração do Papado e todos os poderes deveriam ser unificados sob a autoridade da Igreja, tornando ilegítimo qualquer domínio (sobre pessoas ou propriedades) que não fosse santificado pela Igreja (CHEVALLIER, 1982, p. 229-230).

A superioridade da Igreja Católica era fundamentada, principalmente, no argumento de que o Papa era herdeiro do apóstolo Pedro<sup>51</sup> e, sendo a Igreja uma instituição formada no Império Romano, todos os homens do Ocidente deveriam estar sujeitos às suas leis, inclusive os reis e imperadores (MELIN, 2019, p. 11). José Antônio C. R. Souza e João M. Barbosa (1997, p. 57) mostram que a jurisdição temporal do Papado sobre os territórios que formavam *Patrimonium Petri*<sup>52</sup> tinha como base documental a *Donatio Constantini* – Doação de Constantino. Este documento, forjado em uma chancelaria papal entre os séculos VIII e IX, continha a alegação de que o imperador Constantino (305-337) teria doado o governo do Império do Ocidente e da cidade de Roma ao papa Silvestre I (314-337), como demonstração de sua gratidão após ter sido curado de lepra (SOUZA & BARBOSA, 1997, p. 57).

Dimiter G. Angelov (2009, p. 91) explica que esse documento fez parte do arsenal ideológico dos membros do clero porque estabelecia a relação entre Império

---

<sup>50</sup> Gilles de Roma foi um filósofo medieval, teólogo escolástico e frade da Ordem de Santo Agostinho. Ele foi nomeado para os cargos de *prior* geral de sua ordem e arcebispo de Bourges (comuna francesa).

<sup>51</sup> Consoante Souza e Barbosa (1997, p. 12), consta no *Novo Testamento* que Pedro foi escolhido por Cristo para conduzir a Igreja e cuidar dos fiéis. Os autores o fragmento presente no *Livro de Mateus* (16:16-19). Neste fragmento Jesus diz que Pedro será a pedra sobre a qual será edificada a Igreja e lhe dá as chaves do Reino do Céu, tornando-o capaz de ligar ou desligar do Céu, a partir da Terra, todo aquele que for de sua vontade.

<sup>52</sup> Segundo Cartelli (2010, p. 2), o Ducado Romano foi formado por grandes territórios doados por fiéis a São Pedro, sendo estas regiões organizadas em empresas agrárias denominadas *patrimonium* e administradas por um funcionário pontifício nomeado pelo papa. Essas grandes propriedades constituíram o chamado de *Patrimonium Sancti Petri* – Patrimônio de São Pedro.

e Igreja, além disso justificava a ação do Papado sobre o Império. Segundo Hilário Franco Jr. (2000, p. 38), a partir desta doação, as duas instituições passaram a disputar o domínio sobre o território e, na visão de Dante, “um ao outro apagou; juntou-se a espada/ ao báculo<sup>53</sup>, e por certo não adianta/ a nenhuma a outra força acrescentada,/ porque agora uma a outra não espanta” (DANTE, *Purgatório*. XVI, v. 109-112).

O poeta via na Doação de Constantino a origem dos conflitos entre poderes espiritual e temporal e menciona o evento em diferentes ocasiões de suas obras. Durante sua peregrinação pelo Inferno ele argumenta: “De quanto mal foi mãe, ó Constantino/ não a tua conversão, mas tua oferenda/ que tornou rico o trono papalino!” (DANTE, *Inferno*. XIX, v. 115-117). Em outro momento, durante a passagem pelo Paraíso, Dante diz: “O outro é o que se mudou, co’ as leis, comigo,/ e a boa intenção que deu mau resultado,/ por ceder ao Pastor: o ‘Grego’ eu digo;/ ora ele vê que o mal originado/ do seu bem proceder não lhe é nocivo,/ embora o mundo então tenha arruinado” (DANTE, *Paraíso*. XX, v. 55-60).

Contra a alegação do papado apoiado nesta suposta doação, Dante argumenta que Constantino não poderia alienar o Império, pois assim como a Igreja não poderia ir contra seu fundamento, que é Cristo, o Império não poderia ir contra o seu, o direito humano (FRANCO JR., 2000, p. 44). Nas palavras do poeta: “O fundamento da Igreja é Cristo. Por isso diz o Apóstolo aos Coríntios<sup>54</sup>: ‘Ninguém pode pôr outro fundamento senão aquele que está posto, e esse é Jesus Cristo’. (...) O alicerce do Império é o direito humano” (DANTE, *Monarquia*, III, X). Sendo assim, “nem Constantino podia alienar a dignidade do Império, nem a Igreja a podia aceitar [a doação]” (DANTE, *Monarquia*, III, X). Deste ponto de vista, o doador não poderia ter doado, pois o Império não é do imperador, nem o beneficiado poderia ter recebido, pois a natureza da Igreja não permitiria o recebimento de bens terrenos<sup>55</sup> (FRANCO JR., 2000, p. 44).

Além disso, Dante concebe que a jurisdição tem poder sobre o juiz, ou seja,

---

<sup>53</sup> Cajado comumente utilizado por bispos na intenção de remeter aos cajados utilizados pelos pastores.

<sup>54</sup> Cf. 1 Coríntios 3:11.

<sup>55</sup> Na concepção do poeta, do ponto de vista religioso não era permitido por causa da proibição presente no *Livro de Mateus* (10:9), no qual Jesus diz aos apóstolos que não deveriam receber nem ouro, nem prata ou cobre enquanto peregrinassem pregando a palavra de Deus (DANTE, *Monarquia*, III, X). Já do ponto de vista secular, cindir o Império seria ir contra o cargo de imperador, sendo que ninguém teria o direito de fazer uso de um cargo para agir contra este mesmo cargo (DANTE, *Monarquia*, III, X).

o Império é a jurisdição cujo âmbito compreende toda a jurisdição temporal: então o Império tem prioridade sobre o juiz, o imperador, pois o imperador existe para o Império e não ao contrário. Do que resulta que o imperador, como imperador, não pode alienar a jurisdição imperial, pois que é desta que recebe a sua qualidade (DANTE, *Monarquia*, III, X).

Amparado na ideia de plenitude do poder espiritual, o Sumo Pontífice via-se na posição de julgar os príncipes e corrigi-los caso não estivessem em sintonia com o poder espiritual (CHEVALLIER, 1982, p. 231). Para isso, o papa elaborava bulas contendo as diretrizes que todos deveriam seguir, dentre estes documentos publicados por Bonifácio VIII, podemos destacar a *Clericis Laicos*, a *Salvator Mundi* e a *Unam Sanctam*, pois exemplificam a interferência do poder espiritual na jurisdição temporal e vice-versa.

De acordo com Felipe Gustavo S. Silva e Marcos Roberto N. Costa (2018, p. 144), a bula *Clericis Laicos* foi composta em resposta à taxação de Felipe IV sobre o dízimo da Igreja sem a autorização do Papado. O clero francês havia se revoltado após as medidas do rei de França e feito reclamações a Bonifácio VIII, o qual promulga em 24 de fevereiro de 1296 a *Clericis Laicos*, destinada à cristandade e aos reis que estavam causando conflitos (SOUZA & BARBOSA, 1997, p. 126). Seu texto continha a proibição de França e Inglaterra cobrarem impostos sobre os bens eclesiásticos, direito visto como exclusivo do Papado (SILVA & COSTA, 2018, p. 144).

O rei de França ignora as determinações da bula e, ainda, proíbe as exportações de metais preciosos entre outros bens<sup>56</sup> destinados à Igreja, cortando uma das maiores fontes de lucros do Papado (MELIN, 2019, p. 47). Como aponta Sérgio Ricardo Strefling (2007, p. 412), Filipe IV ataca gravemente as finanças do papa ao proibir a exportação de ouro e prata e, ao mesmo tempo, obtinha consenso da população francesa que se encontrava descontente com os altos impostos cobrados pela Igreja e via nas medidas do rei uma possibilidade de colocar fim a isso.

Sentindo-se ameaçado, Bonifácio VIII recua em suas ações, entretanto o rei continua a adotar medidas que o pontífice via como um ataque à sua soberania<sup>57</sup>, por isso responde com a promulgação da *Bula Salvator Mundi*, em 4 de dezembro 1301, revogando todos os privilégios fiscais concedidos à Coroa Francesa (SOUZA &

---

<sup>56</sup> Foi proibida a exportação de ouro, prata, alimentos, cavalos, armas e, ainda, os estrangeiros são expulsos de França (STREFLING, 2007, p. 412).

<sup>57</sup> Filipe IV continuou a taxar os bens eclesiásticos, além de prender o bispo Bernardo Saisset sob acusação de heresia, blasfêmia, simonia e conspiração contra o rei (STREFLING, 2007, p. 530).

BARBOSA, 1997, p. 134). Além disso, o papa proibia terminantemente os membros do clero de efetuar o pagamento de qualquer imposto ao rei (SILVA & COSTA, 2018, p. 145). Em 1302 Bonifácio VIII promulga a *Unam Sanctam*, uma bula argumentando que a autoridade do Papado era dada por Deus, colocando a submissão ao Sumo Pontífice como uma necessidade de todas as criaturas, restando aos reis o papel de executar aquilo que lhes era ordenado pela Igreja (STREFLING, 2007, p. 416).

Portanto, os poderes temporal e espiritual estavam em constante embate pelo governo do Ocidente e interferiam constantemente em assuntos que, na visão de Dante, não pertenciam ao seus respectivos campos de atuação. Dante se opunha à submissão do poder temporal ao espiritual e sua argumentação foi influenciada por correntes de ideias circulantes em seu período.

### **3.2. Influência do aristotelismo nas discussões sobre a finalidade humana**

Dante Alighieri se mostra um intelectual que teve contato com uma vasta produção intelectual, pois apresenta uma argumentação embasada em diversos autores. De acordo com Franco Jr. (2000, p. 56), na *Divina Comédia*, por exemplo, o poeta cita 38 literatos, filósofos e cientistas gregos e romanos, por meio de referências sobre suas vidas e/ou ideias. Entretanto, Karine Salgado e Thiago A. Feital (2011, p. 73) afirmam que Dante foi influenciado principalmente por dois grandes autores: Aristóteles<sup>58</sup> e Santo Tomás de Aquino.

A recorrência aos pensamentos desses autores se deve ao esgotamento do modelo de explicação dominante até o período, o qual buscava fornecer argumentos sobre o mundo e suas complexidades, entretanto sem atender às novas demandas da sociedade (DE BONI, 1995, p. 70). De acordo com Luis Alberto De Boni (1995, p. 70) os predominantes atendiam quase exclusivamente aos interesses da Igreja, dentre estes podemos destacar as ideias de Santo Agostinho, filósofo, bispo e teólogo da Antiguidade Tardia. Suas teorias foram fundamentais para as discussões políticas e religiosas, pois forneceram subsídios para a interpretação da relação entre Estado

---

<sup>58</sup> Segundo Muller (2007, p. 48), as obras de Aristóteles começam a ser traduzidas no Ocidente por volta de 1120 a 1270. Sua obra *Ética* passa a ter fragmentos traduzidos para o latim em meados do século XII e início do XIII, sendo completamente traduzida por Roberto Grosseteste (1168-1253) em 1246; enquanto a *Política* foi traduzida por Guilherme de Moerbeke (1215-1286) entre 1260 e 1265.

e Igreja, provocando a discussão sobre a legitimidade do poder dos governantes (WOLKMER, 2001, p. 19).

As ideias de Santo Agostinho ajudaram na justificação política da Igreja<sup>59</sup> e provocaram conflitos pois, a partir disso, “não só o Estado apresenta limites que a Igreja não conhece, como apenas pode se integrar à Cidade de Deus subordinando-se à Igreja em todos os assuntos ou gestos espirituais” (WOLKMER, 2001, p. 20). Consoante Argemiro C. M. Martins (2006, n/p), o tomismo<sup>60</sup> foi um elemento que provocou discussões no âmbito político e religioso, uma vez que tentou solucionar o conflito entre fé e razão, antes mantidas em campos distintos. De acordo com Antônio Carlos Wolkmer (2001, p. 22), Santo Tomás de Aquino corroborou para que fé e razão deixassem de ser vistas como insociáveis, pois procurou elaborar uma relação entre a razão aristotélica, da cultura pagã, e a revelação e fé, presente nos ensinamentos e dogmas da Igreja Católica.

Como explica Rodrigo Pucci Muller (2017, p. 48) a filosofia aristotélica representou uma inovação e um desafio para a escolástica<sup>61</sup> do século XIII. De Boni (1995, p. 99) afirma que a atividade intelectual na segunda metade do século XIII estava voltada ao saber racional, procurando deixar de lado questões teológicas e propondo uma forma de saber filosófico autônomo<sup>62</sup> que não se voltava à revelação, sustentando-se pela argumentação racional.

Eram todos cristãos e apenas desejavam reinterpretar a mensagem do Evangelho à luz da experiência e dos valores da Antiguidade. Valores esses que exaltavam o indivíduo, os feitos históricos, a vontade e a capacidade de ação do homem, sua liberdade de atuação e de participação na vida das cidades. A crença de que o homem é a fonte de energias criativas ilimitadas, possuindo uma disposição inata para a ação, a virtude e a glória. Por isso, a especulação em torno do homem e de suas capacidades físicas e espirituais se tornou a

---

<sup>59</sup> Santo Agostinho pregava o dualismo entre a cidade de Deus e a cidade terrena, respectivamente, dos libertos do pecado, que estão mais próximos de Deus, e dos marcados pelo pecado, que não vivem na fé e comungam valores pagãos (WOLKMER, 2001, p. 19). Na visão de Agostinho as duas cidades existiriam lado a lado até o final dos tempos, quando a cidade de Deus passaria a constituir a eternidade junto aos santos. Posto isso, Santo Agostinho divide a humanidade em dois grupos: um vive de acordo com Deus e estaria destinado a reinar eternamente com Deus; o outro viveria segundo o homem e sofreria a eternidade com o Diabo (WOLKMER, 2001, p. 19).

<sup>60</sup> Conjunto de doutrinas teológicas e filosóficas de Tomás de Aquino, pelas quais se buscava-se estabelecer a harmonia entre o racionalismo aristotélico e a tradição revelada do cristianismo.

<sup>61</sup> Corrente de pensamento cristão que possuía a finalidade de conciliar o ideal de racionalidade (platonismo e aristotelismo) com a experiência de contato direto com a verdade revelada.

<sup>62</sup> O método recaía, primordialmente, na interpretação do texto, na exegese, sem ordená-lo de forma imediata ao dogma, em oposição a uma filosofia que, por muito tempo, se manteve direcionada para a teologia (DE BONI, 1995, p. 99).

preocupação fundamental desses pensadores (SEVCENKO, 1994, p. 15).

Portanto, se tratava de um saber laico em certa medida, se afastando da Igreja, mas não porque esses pensadores não eram cristãos, mas porque consideravam a razão como única autoridade que deveria julgar a validade de um argumento (DE BONI, 1995, p. 99). Dante Alighieri, influenciado por essas correntes de pensamento, fundamenta sua defesa na autoridade de filósofos e acontecimentos históricos e mitológicos, mas sem deixar de levar em consideração o pensamento presente nas Sagradas Escrituras. Como nota Franco Jr. (2000, p. 57), na *Divina Comédia*, por exemplo, ele utiliza (em 77 diferentes momentos) elementos da mitologia clássica, mostrando-se um conhecedor do mundo antigo e pagão. Ao mesmo tempo em que não nega sua cultura cristã e cita passagens da *Bíblia* (59 vezes), faz alusão ao pensamento dos chamados “Pais da Igreja” (FRANCO JR., 2000, p. 57).

Dante segue o pensamento aristotélico alegando que o ser humano constrói sua própria felicidade a partir do uso de suas virtudes naturais, colocando a felicidade como um estado humano perfeito e completo que pode ser alcançado no mundo terreno<sup>63</sup> (BERTELLONI, 2001, p. 195). Para que isso se concretizasse, o poeta propõe a filosofia como principal via de esclarecimento da verdade e aprimoramento da consciência (MELIN, 2019, p. 119). Como aponta Moisés Romanazzi Tôrres (2006, p. 151), Dante defendia que a humanidade possuía um fim moral e ético independente da Igreja e considerava a felicidade terrena como porta para a felicidade eterna. Neste ponto podemos identificar um dos conflitos causados pela introdução do pensamento aristotélico das discussões intelectuais, pois alegava que a felicidade e perfeição da natureza humana poderiam ser alcançadas durante a vida terrena, colocando o homem como possível promotor de sua felicidade, contrariando a ideia alegada pela teologia cristã<sup>64</sup> (BERTELLONI, 2001, p. 195).

Dante concebia a finalidade humana envolta por virtudes teológicas, intelectuais e político-morais (prudência, constância, temperança e justiça), conseqüentemente o

---

<sup>63</sup> Segundo Idalgo J. Sangali e Jaqueline Stefani (2012, p. 57), Aristóteles atestando que, entre os bens, o homem busca o bem supremo, e esse é identificado como sendo a felicidade ou vida boa, ou ainda, a prosperidade (*eudaimonia*). Aristóteles descrevia a felicidade como: 1) algo absoluto, autossuficiente e como finalidade da ação; 2) uma atividade da alma conforme a virtude; 3) objetivo e fim para o qual uma boa deliberação visaria (SANGALI & STEFANI, 2012, p. 58).

<sup>64</sup> A teologia cristã defendia o lapso natural, ou seja, a natureza humana era decaída originalmente em consequência do pecado adâmico, além disso a felicidade perfeita só era possível de ser alcançada após a morte (BERTELLONI, 2001, p. 195).

homem deveria seguir dois caminhos: as beatitudes desta vida e da vida eterna (CHEVALLIER, 1982, p. 238). Segundo Dante:

Dois fins deu ao homem a inefável Providência: a beatitude desta vida, que consiste no exercício da própria virtude e que se figura pelo paraíso terrestre; e a beatitude da vida eterna, que consiste na fruição da presença divina, à qual não pode ascender a virtude se não ajudada da luz divina, e que se estende pelo paraíso terrestre (DANTE, *Monarquia*. III, XVI).

Para Dante Alighieri, apesar da suprema importância da teologia, a filosofia não lhe deveria ser subordinada e as duas deveriam manter uma relação harmônica, haja vista que razão e revelação seriam criações de Deus (TÔRRES, 2006, p. 133). Como Karine Salgado e Thiago A. Feital (2011, p. 59-60) apontam, o poeta compreendia que qualquer ação na esfera temporal implicaria uma resposta na esfera espiritual, o que pode ser percebido com o aparecimento de Virgílio, representando o movimento no âmbito espiritual, no momento em que Dante encontra-se perdido, simbolizando uma ação na esfera terrena.

Tôrres (2006, p. 152) argumenta que, apesar de não haver subordinação, as duas beatitudes não seriam de igual importância: a terrena ainda era inferior à celeste. Dante não visava eliminar totalmente a teologia do esquema da filosofia moral (BERTELLONI, 2001, p. 201), uma vez que as via como sistemas auxiliares, pois o “esforço filosófico é fundamentalmente necessário para, como o auxílio da teologia, levar a alma à fruição divina, e esta última é a consagração final de uma vida filosoficamente perfeita” (TÔRRES, 2006, p. 152).

A proposição de um duplo fim ao homem e uma felicidade possível de ser obtida no mundo terreno provocou a discussão sobre quais os papéis dos poderes espiritual e secular ao guiar o homem. A finalidade do debate seria fundamentar a jurisdição desses poderes, buscando definir o encargo de cada um (BERTELLONI, 2001, p. 196). Diante disso, Dante defendia a necessidade de separar os poderes para que cada um se tornasse responsável por guiar a humanidade a cada um de seus fins.

### **3.3. A necessidade da existência de dois guias para a humanidade**

O principal objetivo de Dante Alighieri era separar os poderes espiritual e temporal, em um contexto de lutas entre Império e Papado para dominar o *Regnum*

*Italicum* – Reino Itálico<sup>65</sup> (VIANNA, 2016, p. 61). De acordo com Romero (2014, p. 326), a tradição gibelina lutava contra aspirações pontifícias de exercer domínio sobre o poder temporal, defendendo a separação dos poderes espiritual e temporal (ROMERO, 2014, p. 326). Como já esboçado anteriormente, Dante foi diretamente atingido no conflito entre Gibelinos e Guelfos. Apesar de ter lutado ao lado do primeiro grupo, se opondo aos interesses do segundo e contra as intervenções imperiais, o florentino se dedica a tecer críticas às constantes práticas intervencionistas dos membros da Igreja no âmbito temporal (FRANCO JR., 2000, p. 37).

Dante Alighieri condenava aqueles que defendiam a intervenção do poder papista sobre o poder temporal baseados nas Sagradas Escrituras, pois buscavam “encontrar nas Escrituras o que nelas não foi posto pelo autor sagrado” (ALIGHIERI, *Monarquia*, III, IV). Dentre os argumentos elaborados para defender a soberania da Igreja a partir da *Bíblia*<sup>66</sup>, aos quais Dante se opõe, destacaremos a suposta referência aos poderes espiritual e temporal no momento de criação do Sol e da Lua relatado no *Gênesis* (1:14-19):

Dizem, em primeiro lugar, apoiando-se no *Gênesis*, que Deus fez duas grandes luminárias, uma maior, outra menor, para presidir ao dia e à noite. Sustentam os nossos adversários que estas luminárias são símbolos que representam os dois poderes, espiritual e temporal. Da mesma forma que a lua, a pequena luminária, não possui luz própria, recebendo-a do sol, assim o poder temporal recebe a autoridade através do poder espiritual (DANTE, *Monarquia*, III, IV).

Eduardo Melin (2019, p. 41-42) afirma que durante um discurso em abril de 1303, Bonifácio VIII faz uso da metáfora do Sol e da Lua para reforçar a ideia de que o Império não possuía poder próprio e deveria ser submisso à Igreja. Essa teoria elaborada por Humberto de Silvacandida, cardeal no período da Reforma Gregoriana, comparava a magnitude do Sol com a autoridade sacerdotal e claridade da Lua com

---

<sup>65</sup> Buscavam anexar os governos italianos aos domínios germânicos, partindo do princípio de que o Regnum Italicum pertencia ao Império devido às ações de Carlos Magno ao derrotar os Lombardos (VIANNA, 2016, p. 61).

<sup>66</sup> Dante apresenta o argumento baseado no *Livro de Moisés*, segundo o qual saíram de Jacó a imagem de dois poderes, Levi e Judas, Levi estaria para Judas assim como a Igreja estaria para o Império (DANTE, *Monarquia*, III, V). O outro ponto é baseado no *Livro dos Reis* e se refere à nomeação e deposição de Saul (DANTE, *Monarquia*, III, VI). O livro de Mateus também foi tomado como justificativa a partir de duas situações: a primeira faz referência à oblação dos magos presenteando Cristo com incenso e ouro (DANTE, *Monarquia*, III, VII); a segunda se refere às palavras de Cristo a Pedro, ao qual foi atribuído o poder de ligar ou desligar no céu todo aquele que ligar ou desligar na terra (DANTE, *Monarquia*, III, VIII). Outra passagem bíblica utilizada argumenta a partir dos dois gládios identificados no livro de Lucas (DANTE, *Monarquia*, III, IX).

o poder imperial (SOUZA & BARBOSA, 1997, p. 18). Deste ponto de vista, assim como a Lua não possui luz própria e recebe iluminação do Sol, o Imperador não era dotado de poder próprio e o recebia por mediação do Papa (STREFLING, 2007, p. 417).

Entretanto, na visão dantesca, esse argumento não se sustentaria por uma série de fatores. Segundo Franco Jr. (2000, p. 43), Dante mostra que Deus havia criado Sol e Lua antes de criar o ser humano e os poderes temporal e espiritual foram poderes acrescentados à humanidade, portanto não eram essenciais dela (FRANCO JR., 2000, p. 43). Sendo assim, esses poderes eram exercidos por humanos, os quais foram criados somente do sexto dia, portanto as luminárias não poderiam representar os dois poderes porque foram criadas no quarto dia (DANTE, *Monarquia*, III, IV). Além disso, ambos teriam a função de guiar a humanidade a um fim, “como remédios à fraqueza produzida pelo pecado” (DANTE, *Monarquia*, III, IV). Sendo assim, Dante expõe que no quarto dia não existia ser humano, tampouco havia se corrompido, ou seja, não haveria razão para Deus ter criado uma solução para um problema ainda não existente, agindo como um “médico que antes do nascimento dum indivíduo confeccionasse emplastos para uma doença futura” (DANTE, *Monarquia*, III, IV). Por fim Dante conclui que o fato de receber luz do Sol não torna a Lua mercê deste, ou seja, “uma coisa é a existência da lua, outra o seu poder, e outra a sua atuação” (DANTE, *Monarquia*, III, IV). Sendo assim,

o poder temporal não recebe do espiritual nem a existência, a faculdade que é a autoridade, nem mesmo o exercício puro e simples. Recebe, sim, do poder espiritual aperfeiçoamentos acidentais: age com maior eficácia pela luz da graça que Deus, no céu, e a benção do Sumo Pontífice, na terra, lhe infundem” (DANTE, *Monarquia*, III, IV).

Dante Alighieri defendia que cada um dos poderes deveria reger áreas diferentes da vida humana, sendo, inclusive, necessários para guiar a dupla natureza humana, uma vez que o poeta estava insatisfeito com a rigidez dos princípios e a cupidez dos homens (TÔRRES, 2006, p. 148). O ser humano não seria capaz de seguir corretamente o caminho para atingir seu fim último<sup>67</sup>, segundo Dante: “estas conclusões, e estes meios, digo, seriam desprezados pela cupidez humana, se os

---

<sup>67</sup> Como argumenta Auerbach (1997, p. 119), Dante exemplifica esse pensamento ao se colocar como um homem desviado do caminho da salvação e mostra a necessidade de um guia, a razão (Virgílio), que é enviado para encaminhá-lo rumo à verdade revelada no Paraíso.

homens, como os cavalos selvagens, não fossem obrigados na sua bestialidade vagamundante a manter-se no caminho direito” (DANTE, *Monarquia*, III, XVI).

Outro fator que tornava necessária a existência de dois poderes autônomos e distintos seria a localização do ser humano entre dois planos: um espiritual e outro terreno (CROCHES; SILVA; ROMEU, 2013, p. 394). Consequentemente, o gênero humano estaria entre substâncias corruptíveis e incorruptíveis, logo, duas naturezas e dois fins (DANTE, *Monarquia*, III, XVI). Para o poeta: “ao duplo fim do homem é necessário um duplo poder diretivo: o do Sumo Pontífice que, segundo a revelação, conduz o gênero humano à vida eterna, e o imperador que, segundo as lições da filosofia, dirige o gênero humano para a felicidade temporal” (DANTE, *Monarquia*, III, XVI). Portanto, a beatitude terrena correspondia à função do monarca, que deveria ser habilitado e capaz de guiar a humanidade por meio da filosofia, virtudes morais e intelectuais; já a beatitude celeste, deveria ser responsabilidade do pontífice, habilitado a guiar por meio das doutrinas espirituais (CALAFATE, 2009, p. 409).

Dante atribui funções distintas a cada um dos poderes e retira a mediação da Igreja entre Deus e Império, haja vista que ambos os poderes tinham a mesma origem: Deus (VIANNA, 2016, p. 67). Dante condenava a atuação cada vez mais presente da Igreja em assuntos seculares e sua tarefa de atribuir cargos seculares, pois “a faculdade de instituir a autoridade do reino da existência terrenal é contrária à natureza da Igreja<sup>68</sup>” (DANTE, *Monarquia*, III, XV). Na concepção dantesca, “só Deus elege, só Deus investe, porque só Deus não tem superior” (DANTE, *Monarquia*, III, XVI), com isso mostra que o governo secular não depende e nem emana do governo espiritual (CROCHES; SILVA; ROMEU, 2013, p. 397).

Recuperando a história do Império, Dante argumenta que “o Império possuía toda a sua força num tempo em que a Igreja não existia ou não agia” (DANTE, *Monarquia*, III, XIII). Sendo assim, a Igreja não seria a causa de sua força, o que torna “evidente que a autoridade temporal do monarca desce sobre ele, sem qualquer intermediário, desde a fonte da autoridade universal” (DANTE, *Monarquia*, III, XVI).

---

<sup>68</sup> Como consta em *Monarquia* (III, XV), o modelo ideal a ser seguido pela Igreja deveria ser a vida de Cristo. O poeta justifica a partir da passagem do Livro de João (18:36) segundo a qual Jesus, modelo da cristandade, renunciou ao reino temporal diante de Pilatos, alegando que o Seu reino não era daquele mundo, pois se fosse seus ministros já teriam se oposto à Sua prisão (DANTE, *Monarquia*, III, XV).

Sendo assim, a autoridade temporal derivava diretamente de Deus, não havendo necessidade de mediação papal (BERTELLONI, 2001, p. 200-201).

Segundo Chevallier (1982, p. 239), Dante estabelece que o imperador, estava submetido de certa maneira ao Sumo Pontífice. Sendo assim, não devemos entender que o poder temporal em nada deveria se relacionar com o espiritual. Na concepção de Dante, Imperador e Papa estavam relacionados, pois a felicidade mortal estaria ordenada de certa forma à felicidade imortal (DANTE, *Monarquia*, III, XVI). Sendo assim, “César deve ter por Pedro o respeito dum filho primogênito por seu pai: para que, iluminado pela luz paterna da graça, com mais força irradie pelo mundo – mundo cujo governo recebeu d’Aquele que é o governador de todas as coisas espirituais e temporais” (DANTE, *Monarquia*, III, XVI). Retomando o argumento rebatido por Dante relativos às duas luminárias, podemos perceber como o poeta concebe esta relação:

a lua deve diretamente a Deus a sua criação; vem-lhe o movimento do seu próprio motor, e a influência que exerce é devida aos seus próprios raios; o sol lhe dá apenas uma luz abundante que lhe permite iluminar melhor e com mais intensidade. Pois bem, o mesmo acontece com o reino temporal, que, embora não receba do reino espiritual a sua autoridade, deve-lhe decerto o poder de agir melhor pela luz da Graça (CHEVALLIER, 1982, p. 239).

Portanto, Dante Alighieri não concordava com um poder político pautado somente no sucesso terreno de forma autônoma, pois o mundo terreno estaria nas mãos de Deus (AUERBACH, 1997, p. 156). Entretanto, era contrário à sobreposição do poder do Papado sobre o Império, pois, quando a Igreja se dedicava aos assuntos temporais, ela se encaminharia para a corrupção e constituía um mal cujo efeito atingiria toda humanidade (VIANNA, 2016, p. 67). Além disso, assim como a filosofia não era submissa à teologia, os poderes temporal e espiritual também deveriam, cada um, guiar o homem a partir daquilo que lhes era devido.

### **3.4. O Império Romano como modelo de governo**

Dante Alighieri demonstra admiração pelo *Regnum Italicum* em sua condição antiga, dos tempos de seu trisavô Cacciaguida, encontrado pelo poeta no Paraíso (XV-XVII): “Florença, dentro de sua cerca antiga,/ aonde sua terça e nona ainda soa,/ estava em paz, da temperança amiga” (DANTE, *Paraíso*. XV, v. 97-99). Na visão do poeta, a parte decente que sobrava da população florentina era formada pelos descendentes dos romanos:

Antiga fama à sua cegueira alude;  
é gente avara, invejosa e proterva.  
Que dos costumes seus o teu te escude!  
(...)

Fiquem com sua forragem costumeira  
essas bestas, e não toquem a planta,  
se alguma ainda surgir, em sua estrumeira,

na qual reviva a sementeira santa  
dos romanos restantes da investida  
que urdiu esse ninho e malícia tanta  
(DANTE, *Inferno*. XV, v. 67-69, 73-78)

Na visão do florentino, os romanos foram o único povo capaz de exercer a jurisdição universal do Império sobre a humanidade de forma legítima (VIANNA, 2016, p. 71). Desde o começo de formação do Império Romano, a Divina Providência teria escolhido Roma como capital do mundo, atribuindo ao povo um espírito heroico, de desprendimento e altruísmo, características necessárias para torná-los capazes de conquistar o mundo (AUERBACH, 1997, p. 152).

O aporte teórico de Dante demonstra a admiração do poeta pelo Império Romano, pois se fundamenta em obras clássicas de autores do mundo romano como: Tito Lívio, Cícero, Lucano e Virgílio (MELIN, 2019, p. 121). O poeta se refere a Virgílio, autor da *Eneida*, no início da *Divina Comédia*: “Tu és meu mestre, tu és meu autor,/ foi só de ti que eu procurei colher/ o belo estilo que me deu louvor” (DANTE, *Inferno*. I, v. 85-87). Sendo assim, a escolha de Virgílio como personagem que o guiará pelo mundo dos mortos demonstra a sua inspiração<sup>69</sup> e admiração. Segundo Romero (2014, p. 333), Homero já era considerado um clássico no período de Dante, sendo Virgílio reputado como um dos maiores autores naquele momento<sup>70</sup> por ter sido capaz de produzir uma obra cujo referencial principal eram os grandes épicos homéricos.

Os romanos repetiram a ideia grega de encontrar nos poetas o reflexo de seu passado, de sua existência, do mundo e de seus deuses. Com a tradução da *Odisséia* para as escolas, no século III, e a criação de epopeias nacionais, pretendia-se explicar o mundo e a diferença entre os povos através da poesia. Para eles, apenas Virgílio teria escrito uma epopeia romana de valor universal que faz referências a Homero, e, portanto, tornou-se uma obra clássica (ROMERO, 2014, p. 333).

---

<sup>69</sup> Como pontua Franco Jr., os dois grandes guias e modelos de Dante foram Aristóteles e Virgílio, respectivamente, *Ética* (filosofia) e a *Eneida* (poesia) (FRANCO JR., 2000, p. 56).

<sup>70</sup> Buscando fundamentar sua argumentação, Virgílio recorreu à tradição, a elementos históricos, culturais e religiosos, sendo fiel aos acontecimentos narrados por poetas do Mundo Antigo, principalmente Homero (RÊGO, 2015, p. 18-19).

Posto isso, ao escolher Virgílio como guia para a sua descida ao Inferno<sup>71</sup>, Dante demonstra a apropriação que faz dos conhecimentos e ideias políticas e filosóficas do poeta romano (ROMERO, 2014, p. 333). Conforme as aduções de Nathália P. Rêgo (2015, p. 18), a *Eneida* era vista como uma das principais fontes de pesquisa sobre a cultura do mundo romano e Virgílio foi crucial ao legitimar a origem do Império (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2010, n. 2, p. 243). A *Eneida* fundamenta a grandeza romana a partir da história da viagem de Enéias<sup>72</sup> para a Itália, onde ele se fixou formando as bases do que se tornaria o Império Romano (MAIOR JUNIOR & MAIA, 2015, p. 46). Segundo Dante, “nosso divino poeta Virgílio atesta para a eternidade, em toda a Eneida, que o glorioso rei Enéias foi o pai do povo romano” (DANTE, *Monarquia*, II, III).

Para o poeta,

nunca houve, nem nunca haverá, uma natureza mais doce no exercício do senhorio, mais firme em sua manutenção, nem mais sutil em adquiri-la do que a natureza do povo latino (como pode ser visto pela experiência) e, especialmente, das pessoas consagradas nas quais o sangue de Troia era infundido, Deus escolheu essas pessoas para essa função (DANTE, *Convívio*, IV, IV, tradução nossa).

O Sacro Império medieval seria uma continuação do Império Romano, portanto era herdeiro da autoridade universal que um dia pertenceu a Roma (MELIN, 2019, p. 121). Dante acreditava que os prazeres ou direitos individuais deveriam ser sacrificados em prol da sociedade, do bem comum, assim como ocorreu com os romanos, que tinham o bem de todos como fim na conquista do universo: “Despojado por completo dessa cupidez que é sempre inimiga da República, impelido tão só pelo amor da paz e da liberdade, esse povo santo, pio e glorioso parece ter desprezado os seus interesses próprios a fim de procurar o bem do gênero humano” (DANTE, *Monarquia*, II, V).

Diante disso, se existiu algum período da história da sociedade em que esta viveu em paz, este período foi durante o governo de Augusto, quando a Monarquia era perfeita (CHAVALLIER, 1982, p. 237). Segundo Auerbach (1995, p. 153), após os

---

<sup>71</sup> Assim como Dante, Enéias (personagem da Eneida) teria recebido a licença para descer ao mundo dos mortos com vistas ao triunfo espiritual e secular de Roma, a qual seria o espelho da ordem mundial concebida por Deus (AUERBACH, 1997, p. 153).

<sup>72</sup> Eneias era filho da deusa Vênus (filha de Júpiter) e do mortal Anquises, portanto ele tinha ascendência divina (RÊGO, 2015, p. 19).

feitos do povo romano visando a conquista e pacificação, que envolveram conflitos e sacrifícios, o mundo ficou nas mãos do Imperador Augusto, o qual, na visão dantesca, foi responsável por criar o ambiente ideal para a vinda de Cristo. Dante acreditava que o fato de Jesus ter escolhido nascer e morrer sob domínio do Império Romano serviria como um elemento legitimador da soberania daquele governo e de seu povo (VIANNA, 2016, p. 66).

Por conta disso, os apóstolos Pedro e Paulo foram para Roma, a qual se tornou a sede do papado e da cristandade (AUERBACH, 1997, p. 153). Os imperadores romanos foram destinados pela providência para ocupar o cargo, e suas leis foram legitimadas com o nascimento e morte de Cristo (FRANCO JR., 2000, p. 39). A legitimação se deu pois “quem, de pleno grado, observa um edito, proclama, pelo seu gesto, que tal edito é justo” (DANTE, *Monarquia*, II, XII). Fazendo uso de passagens do *Livro de Lucas* (1, 2), o poeta afirma: “Ora, Cristo, como atesta o evangelista Lucas, quis nascer duma Virgem Mãe, sob o edito da autoridade romana, a fim de que no censo do gênero humano o Filho de Deus feito homem fosse arrolado como homem, e assim se consagrasse o edito” (DANTE, *Monarquia*, II, XII).

Portanto, o Império Romano seria o modelo de perfeição, pois foi escolhido pela Divina Providência para governar a humanidade. A sociedade teria atingido seu estado de plenitude sob a autoridade única do imperador romano, que foi legitimado com a descendência divina de Enéias e com a vinda de Jesus ao mundo. Posto isso, o Império Romano serviu de inspiração para que Dante Alighieri elaborasse sua defesa da Monarquia Universal.

### **3.5. A Monarquia Universal dantesca**

Tendo como base o pensamento aristotélico, Dante Alighieri valoriza o fim e a razão da existência para justificar a necessidade de uma Monarquia Universal orientasse a humanidade ao seu fim (VIANNA, 2016, p. 62). O poeta aponta que a sociedade universal teria a felicidade temporal como fim próprio e a filosofia como fundamento que auxiliaria no direcionamento ao fim universal do gênero humano (CALAFATE, 2009, p. 406). De acordo com o poeta “Toda a humanidade se ordena a um fim único. É preciso, então, que um só coordene. Tal chefe deverá chamar-se o

monarca ou imperador. Torna-se evidente que o bem-estar do mundo exige a Monarquia ou Império<sup>73</sup> (DANTE, *Monarquia*, I, V).

De acordo com Pedro Calafate (2009, p. 407), a Monarquia Universal era uma condição política para a realização da unidade do gênero humano, pois a bondade de uma ordem total é superior a uma ordem parcial, ou seja, não seria possível alcançar esse fim por meio da individualidade (MELIN, 2019, p. 119). Segundo Chevallier (1982, p. 237), era necessário que o homem se assemelhasse o quanto fosse possível a Deus para que a felicidade do gênero humano fosse atingida. Na visão do florentino, o gênero humano “submisso a um único príncipe fica, portanto, assimilado a Deus o mais perfeitamente possível, obedecendo assim à instrução divina” (DANTE, *Monarquia*, I, VIII). Nesta concepção,

o império é a condição política para que o homem melhor realize a intenção do primeiro agente, que é Deus, e se a intenção de Deus é a de que cada homem reproduza a bondade divina, na medida em que a natureza própria lho permita, segue-se que, sendo Deus a unidade perfeita, o gênero humano tanto mais imita Deus quanto mais se unifica. Para Dante, a unidade é a raiz do bom e a multiplicidade a raiz do mal e, por isso, tudo o que é bom é-o por aquilo mesmo que o torna uno (CALAFATE, 2009, p. 407).

Ademais, a Monarquia Universal teria resultados práticos para a sociedade. Devemos ter em mente que os reis governavam sem plano e sem competência, as facções lutavam por um poder ilegítimo, os grupos tomados pela corrupção rivalizavam-se uns com os outros sem uma orientação (AUERBACH, 1997, p. 155). Dante pontua as características da sociedade naquele período:

Ó dos mortais insensata ambição,  
quão defectivos são os silogismos  
que abatem vossas asas para o chão!

Quem no encalço das leis, quem de aforismos  
vivia, quem praticando o sacerdócio,  
quem ao poder, co' a força ou facciosismos,

quem na extorsão ou no comum negócio;  
quem nos prazeres da carne envolvido  
se consumia, e quem se dava ao ócio  
(DANTE, *Paraíso*. XI, v. 1-9)

---

<sup>73</sup> Para que o intelecto dado por Deus fosse desenvolvido era necessário que houvesse paz, esta, em contrapartida, tonava necessário que a humanidade estivesse ordenada a um único objetivo, uma única causa (Deus) e um só governante (Monarca Universal) (FRANCO JR., 2000, p. 42).

Como é esboçado pelo poeta, “Os domínios, por exemplo, do rei de Castela, terminam onde começam os do rei de Aragão” (DANTE, *Monarquia*, I, XI). Entretanto, Dante reconhece as falhas do gênero humano e defende a necessidade de um poder superior ao dos príncipes<sup>74</sup>, pois

pode, entre dois príncipes que não mantém qualquer nexos de submissão, criar-se uma diferença (...). Deve entre eles erguer-se um juízo estranho, dado que um não pode examinar a conduta do outro: ambos são independentes, e um igual não tem poder sobre o seu igual” (DANTE, *Monarquia*, I, X).

Consoante Franco Jr. (2000, p. 39), o choque entre Estados comprometia o alcance da felicidade. Para o florentino, a felicidade era impedida porque o ser humano não se contentava com uma posse limitada de terra e sempre desejava ter mais territórios e mais posses, gerando conflitos entre famílias, distritos e cidades (DANTE, *Convívio*. IV, IV). Dante faz a defesa da importância de um terceiro elemento, superior aos envolvidos em um conflito, este deve ser o Monarca Universal (DANTE, *Monarquia*, I, X). Este Monarca não teria competidores, uma vez que tudo já era dele por direito, não precisaria desejar ter mais nada, conseqüentemente seria o indivíduo com menores disposições hostis (CALAFATE, 2009, p. 408).

Portanto, para abolir essas guerras e suas causas, é necessário que toda a terra e tudo que é dado às gerações de homens para uma posse ser uma monarquia, isso é, um único principado possuindo um único príncipe; que, possuindo todas as coisas e não sendo capaz de desejar mais, deve manter os reis contentes dentro dos limites dos seus reinos, para que haja paz entre eles (DANTE, *Convívio*. IV, IV, tradução nossa).

Deste modo, o Monarca Universal seria o mais capacitado e habilitado para governar a humanidade, garantindo as condições fundamentais para a obtenção do bem-estar (MELIN, 2019, p. 126). Faria isso atuando como um juiz resolvendo querelas entre príncipes, mantendo a paz universal e eliminando todas as situações que levam o homem à situação de servidão (TÔRRES, 2009, p. 241). Dante julgava ser necessário que o gênero humano fosse governado a partir dos pontos comuns a todos os homens e sob uma única lei (DANTE, *Monarquia*, I, XIV). Dante via no

---

<sup>74</sup> Dante defende que o juiz fosse o Monarca Universal porque, caso contrário, seria um príncipe sem jurisdição e igual aos demais já envolvidos no conflito, o que produziria um processo indefinido que só poderia ser solucionado com um juiz cujo poder fosse superior ao dos envolvidos no conflito (DANTE, *Monarquia*, I, X).

Monarca Universal a função de formulador de uma lei geral, a qual os príncipes deveriam acrescentar regras particulares, adaptando-a de acordo com cada localidade (TÔRRES, 2009, p. 243).

Entretanto, apesar da supremacia da unidade das vontades na figura do Monarca Universal, Dante também leva em consideração a diversidade que forma o gênero humano (CALAFATE, 2009, p. 408). Segundo Tôrres (2009, p. 242), o florentino não considerava que as leis de cada cidade devessem partir do Monarca Universal, pois cada local possuiria suas características particulares. Porém, considerava que estas leis particulares pudessem ser defeituosas, tornando necessária a sua supervisão (DANTE, *Monarquia*, I, XIV). Mesmo sendo defensor da superioridade do Monarca, Dante deixa claro que o governo deve estar em função da humanidade, e não o contrário, segundo ele:

Não são, com efeito, os cidadãos que existem para os cônsules ou o povo para o rei, mas, antes, os cônsules para os cidadãos e o rei para o povo; e tal como não é o regime feito para as leis, mas estas para o regime, assim também não são os indivíduos que vivem conformes à lei que se ordenam ao legislador, mas antes este quem se ordena a eles (DANTE, *Monarca*, I, XII).

De acordo com Chevallier (1982, p. 237), Dante Alighieri apontava a necessidade da união da humanidade e submissão ao Monarca Universal, pois, do contrário, “compromete-se o fim da vida social, e a cidade corre, incluso, o risco de desaparecer (...) ‘Todo reino dividido contra si mesmo está perdido’” (DANTE, *Monarquia*, I, V).

Portanto, como foi possível perceber, Dante fazia parte de um grupo que defendia a independência mútua dos poderes do Papado e do Império, pois ambos eram dados por Deus (ROMERO, 2014, p. 330). Além disso, Dante defendia que filosofia (por meio do Império) e teologia (por meio da Igreja) fossem aliadas e atuassem como guias da cristandade ao seu duplo fim e no alcance da felicidade. A inspiração deveria vir do governo Império Romano, base, também, para a Monarquia Universal. O poder desse Monarca Universal lhe deveria ser atribuído diretamente por Deus e não por meio da mediação da Igreja (CHEVALLIER, 1982, p. 238). Somente ele forneceria os meios para que a cristandade buscasse a paz e os meios para atingir seu duplo fim.

## CONCLUSÃO

Como foi possível perceber, a *Divina Comédia* é uma das obras literárias fundamentais para compreendermos o Ocidente Medieval. Nela encontramos detalhes sobre como o homem medieval lidava com as questões sobrenaturais, suas representações do cosmo, da sociedade e dos sujeitos que a compunham. A produção dantesca sintetiza alguns aspectos do pensamento medieval sobre filosofia, teologia, política e valores que pautavam as relações humanas nas cidades. Além disso, reflete as transformações que a sociedade experimentava nos mais diversos aspectos. Este processo ocorre porque a movimentação comercial causada pelo desenvolvimento urbano não fazia somente mercadorias circularem, mas, também, ideias e costumes.

Notamos que as representações criadas pelo homem, a fim de dar sentido ao mundo, possuem estreita relação com as transformações que perpassam a sociedade. Com a *Divina Comédia* não foi diferente. As transformações nas atividades da sociedade afetaram, também, a forma como os sujeitos se relacionavam em seu cotidiano, o que fez com que a Europa nesse período fosse marcada pela diversidade e mudanças. O desenvolvimento urbano provocou o aparecimento de novos sujeitos e categorias sociais, muitos destes ligados às questões políticas e religiosas.

Naquele momento, o homem vivia um embate entre antigas instituições que lutavam para se manterem no controle e os novos valores estabelecidos. Florença era um importante centro de atividades econômicas e muitos dos atores sociais estavam envolvidos com o Papado e a Monarquia. O desenvolvimento econômico, crescimento populacional e a circulação de ideias levaram a sociedade a questionar os domínios das instituições e autoridades locais. Dante foi um poeta e político dedicado à crítica dessa relação desigual entre Papado e Império, assim como aos membros de ambas instituições envolvidos em disputas e processos ambiciosos que tinham como finalidade o enriquecimento indevido de uma ou outra.

Tendo visto que Dante Alighieri foi um homem atuante politicamente em Florença, momento em que a cidade era um dos grandes centros de desenvolvimento urbano da Europa, percebemos que muitos dos personagens da *Divina Comédia* foram sujeitos reais que tiveram alguma relação com as novas práticas e conflitos causados pelo desenvolvimento das cidades. Suas obras mais conhecidas foram produzidas no contexto em que estava exilado por conta de conflitos políticos,

encontrando-se impedido de retornar à cidade pela qual tanto lutou durante vários anos de sua vida. Ao perder tudo, Dante se dedica à produção intelectual como forma de denunciar todas as práticas que ele julgava serem causas das desgraças que acometiam a população florentina. Dante Alighieri, dotado de uma gama de conhecimentos e ideias pré-renascentistas sobre a possibilidade de transformar a realidade dada, foi levado a questionar as imposições e práticas, principalmente ao ser constantemente atingido pelo resultado dos valores deturpados de sua sociedade. Tendo visto isso, percebemos que a *Divina Comédia* porta uma visão de redenção humana, sendo a crítica dantesca voltada fundamentalmente às transformações políticas, sociais, econômicas e religiosas.

Por isso, partindo da premissa de Roger Chartier sobre a análise de representações de um dado contexto, fez-se necessário analisar a conjuntura em que Dante Alighieri estava inserido e qual o local ocupado por ele dentro da estrutura da sociedade daquele período. Feito isso, foi possível compreender alguns dos objetivos do poeta ao elaborar sua representação do mundo dos mortos. Como nos mostra Paul Ricoeur, narrar é selecionar, dar ênfase ou suprimir elementos. Analisando a seleção de personagens e eventos, assim como suas características ressaltadas, podemos perceber os objetivos de Dante. O que pode ser percebido pela sua breve descrição das ações dos pecadores no intuito de justificar os locais que ocupam e a punição que lhes é infligida na região infernal.

Embora a *Divina Comédia* apresente uma viagem fictícia de Dante-personagem pelo mundo pós-morte, retratando personagens e acontecimentos no Além, a base da obra é a vida terrena. Sendo assim, nela observamos sujeitos e eventos que pertenciam ao seu cotidiano. Como vimos, Dante elabora seu cosmos amparado pela astronomia ptolemaica, a qual lhe forneceu os esquemas de organização dos astros e seu funcionamento. Dentro desse cosmos, a ética aristotélico-tomista forneceu ao poeta bases para a elaboração de um sistema hierárquico pecados e seus respectivos castigos que compõem o Inferno.

Vimos que a descrição estética e geográfica do Inferno de Dante Alighieri é rica em detalhes. O poeta elabora cenários ricos em descrições físicas, recorre aos aspectos sensoriais, como visão e olfato, para ressaltar o caráter detestável da região infernal. As descrições presentes no Inferno dantesco são representações dos pecados humanos observados por Dante na sociedade em que estava inserido. Por

meio do poema ele criticava as condutas que ele julgava incorretas, atribuindo forma aos personagens e paisagens utilizando as formas terrenas. Ihe eram perceptíveis. Além disso, é perceptível a influência que Dante recebe da cultura clássica, uma vez que sua obra é repleta de referências a criaturas e situações oriundas da cultura pagã.

Vimos que é importante nossa atenção a todos os elementos que fazem parte da composição de seu poema. Cada detalhe da paisagem, cada característica do ambiente, os personagens e suas punições, tudo faz parte de uma estrutura muito bem elaborada para passar uma ideia. Os personagens que Dante-personagem vai encontrando em sua peregrinação pelo mundo dos mortos contam muito sobre a sociedade florentina do século XIV. Por meio deles é possível compreender eventos e fatos históricos que o poeta presenciou ou soube por meio de seus vastos estudos.

Observamos que Dante Alighieri não uniformiza os indivíduos ao representá-los no Inferno. Pelo contrário, o poeta mantém suas convicções e especificidades são realçadas. Permanecem com suas características reais, possuem formas, corpos de quando ainda eram vivos, além disso permanecem com sentimentos, sentem raiva, dor, inveja etc. Ao fazer a distribuição dos personagens em seus respectivos locais, o florentino desconsidera laços históricos, posições e funções dentro da sociedade. Os sujeitos colocados como personagens no Inferno estão ali como resultado do sentimento que eles despertam no poeta.

Dante produz suas obras após ter sido derrotado e exilado em conflitos políticos. Foi possível perceber que o poeta possui um arcabouço teórico vasto. Seus conhecimentos são originários de diversas áreas, de autores diversos, filósofos, pagãos, teólogos etc. A partir desses conhecimentos, Dante se propõe a realizar uma reforma tendo como base, principalmente, saberes filosóficos e teológicos.

Neste ponto observamos a necessidade de trabalhar suas outras duas obras, *Monarquia* e *Convívio*. Nestas obras, o poeta aprofunda e deixa de forma clara sua opinião sobre a utilização da filosofia e da teologia como auxílio para a conquista humana da felicidade. Ao contrário do que se pensava até então pelos envolvidos nos conflitos políticos e religiosos, Dante não via a teologia como superior e sobreposta à filosofia. Pelo contrário, Dante demonstrou-se um incentivador do estudo filosófico ao propor a filosofia como uma das ferramentas necessárias para que o homem atingisse a felicidade plena.

Visto isso, Dante propunha que o homem seria portador de duas naturezas, portanto, dois fins e, conseqüentemente duas felicidades. Estas seriam: a felicidade temporal, terrena, possível de ser conquistada ainda durante a vida; e a felicidade espiritual, que seria alcançada para a eternidade. Sua crítica se direciona a denunciar a relação de subordinação entre as duas instituições, a qual seria impossível, pois os dois poderes eram atribuídos a partir da mesma fonte: Deus. Conseqüentemente, o poeta e político designa funções diferentes à Igreja e ao Império.

Para ele, cada um deveria atuar de maneira distinta e em dimensões diferentes da vida humana. O Papa deveria guiar o homem por meio da Revelação e dos conhecimentos divinos das Sagradas Escrituras. Enquanto isso, o Império guiaria, simultaneamente, a natureza terra humana por meio dos saberes filosóficos. Em sua visão, política e religião deveriam atuar juntas, unidas para guiar o homem rumo à paz terrestre e a beatitude celeste. Portanto, apesar de independentes entre si, os poderes eram inseparáveis e deveriam estar relacionados em certa medida.

Reconhecendo a natureza corruptível do homem, inclusive dos príncipes que os governam, Dante defende o estabelecimento de uma Monarquia Universal. Somente essa forma de governo seria capaz de acabar com todos os conflitos gerados pelo aumento populacional e pelas ambições humanas. O Monarca Universal controlaria a dupla natureza substancial do homem (corruptível e incorruptível) impedindo que a sociedade entrasse em guerras e conflitos de interesse. Sendo assim, o Monarca Universal seria habilitado para garantir as condições necessárias para o pleno desenvolvimento das cidades e da paz universal que, na visão de Dante, era o fim desejado pelas ações humanas.

Portanto, o poeta visava pôr fim aos conflitos que ele presenciava no seio da sociedade e que causavam tantas desgraças à população, inclusive ao próprio poeta. A partir disso o poeta elaborou seu mundo pós-morte onde todos aqueles que causavam algum conflito e traziam alguma desgraça à Florença eram punidos, visando restabelecer os valores que Dante julgava ideais. A obra de Dante se apresenta como um concerto filosófico-político.

## BIBLIOGRAFIA

### Obras de Referência

A BÍBLIA SAGRADA. **Contendo o Velho e o Novo Testamento segundo a Vulgata Latina**. Tradução de Antonio Pereira de Figueiredo. Lisboa, 1885.

GRIMAL, P. **The Concise Dictionary of Classical Mythology**. Massachusetts: Basil Blackwell, 1986.

SCARTAZZINI, G. A. **Enciclopedia Dantesca**. Vol. 1 A-L. Milão: Librai Della Real Casa, 1896.

### Fontes Textuais

DANTE. **A Divina Comédia**. Tradução, comentários e notas de Italo Eugenio. São Paulo: Editora 34, 2016.

\_\_\_\_\_. **A Divina Comédia**. Tradução de Helder da Rocha. São Paulo, 1999.

DANTE. Monarquia. Tradução de Carlos do Soveral. In: **Tomás de Aquino, Dante, Duns Scot, Ockham: Os Pensadores**. Tradução de Luiz João Baraúna *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1985.

DANTE. **The Convivio**. Tradução de Philip H. Wicksteed. London: J. M. Dent, 1903.

### Referências Bibliográficas

ANDRADE, S. R. DE; COSTA, D. L. Dante Alighieri e a representação do pós-morte. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 8, n. 22, p. 91-105, mai.-ago., 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/28968/15668>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

ANDRÉS, G. M. El crecimiento en la virtud a la luz del pensamiento aristotélico-tomista (I): Las pasiones del alma. Málaga: **Metafísica y Persona**, Año 11, n. 21, jan.-jun., 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.uma.es/index.php/myp/article/view/2803/2602>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

ANGELOV, D. G. The Donation of Constantine and the Church in Late Byzantium. In: \_\_\_\_\_. **Church and Society in Late Byzantium**. Kalamazoo: Medieval Institute Publications, 2009.

ANSART, P. As humilhações políticas. In: MARSON, I.; NAXARA, M. **Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: EDUFU, 2005.

AUERBACH, E. **Dante: Poeta do mundo secular**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

BARROS-PEREIRA, H. A. DE. Esferas de Aristóteles, círculos de Ptolomeu e instrumentalismo de Duhem. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 33, n. 2, p. 1-14, abr.-jun., 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbef/v33n2/a17v33n2.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

BARUQUE, J. V. Alfonso X y el Imperio. **Alcanate IV**, n. 4, p. 243-255, 2004-2005. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/download/articulo/1389299.pdf>>. Acesso em 09 mai. 2020.

BERTELLONI, F. La contribución de la filosofía a la formación del pensamiento político laico a fines del siglo XIII y comienzos del siglo XIV. **Mirabilia**, n. 1, p. 189-203, dez., 2001. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/download/articulo/2226891.pdf>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

BRAZZAROLA, G. A vida, a sociedade, a política e a cultura nos tempos de Dante Alighieri. Florianópolis: **Fragmentos**, n. 33, p. 331-341, jul.-dez., 2007. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/download/8680/8015>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

CALAFATE, P. O laicismo político na *Monarquia* de Dante. Lisboa: **Philosophica**, n. 34, p. 405-412, nov., 2009. Disponível em: <[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24207/1/Philosophica%2034\\_23\\_PedroCalafate.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24207/1/Philosophica%2034_23_PedroCalafate.pdf)>. Acesso em: 04 mai. 2020.

CALOVI, G. E.; MARMENTINI, G. L. A Ética Aristotélica. **Mirabilia**, v. 11, n. 2, p. 59-79, jun.-dez., 2010. Disponível em: <[https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010\\_02\\_03.pdf](https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2010_02_03.pdf)>. Acesso em: 02 mai. 2020.

CARLETTI, A. Ascensão e queda dos Estados Pontifícios. UFRGS: **NERINT**, p. 01-14, 2010. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo1082.pdf>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

CARPEAUX, O. M. **História da Literatura Ocidental**. Brasília: Edições do Senado, 2008.

CAVALCANTE, A. H. B. Dante Alighieri: o Inferno e Florença. UNICAMP: **Urbana**, v. 4, n. 4, p. 188-212, mar., 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/download/8635157/2970>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CHEVALLIER, J. J. **História do pensamento político**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

COSTA, R. DA. Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final: Astronomia e Astrologia na Idade Média e a visão medieval do cosmo. **Dimensões**, n. 14, p. 481-501, dez., 2002. Disponível em:

<<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2639/2124>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

CROCHES, R. G.; SILVA, P. S. DA; ROMEU, L. C. “Monarquia”, de Dante Alighieri. UNIMAR: **Argumentum**, n. 14, 2013. Disponível em:

<<http://ojs.unimar.br/index.php/revistaargumentum/article/download/993/613>>.

Acesso em: 09 mai. 2020.

DE BONI, L. A. A entrada de Aristóteles no Ocidente Medieval. Pelotas: **Dissertatio**, v. 1, n. 1, p. 66-106, 1995. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/393986535/BONI-Luis-Alberto-de-a-Entrada-de-Aristoteles-No-Ocidente-Medieval>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

DELUMEAU, J. **A civilização do Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1994.

DIAS, R. P. F.; MENEZES, M. R. Introdução ao tomismo: uma análise acerca da moralidade. **Relegens Thréskeia**, v. 8, n. 2, p. 195-205, 2019. Disponível em:

<<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/download/70788/40263>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

DUARTE, T. A. *Inferno*: uma ideia do espaço dos pecadores na *Divina Comédia* de Dante Alighieri. Monções, v. 1, n. 1., p. 187-201, set., 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufms.br/index.php/moncx/article/view/157/62>. Acesso em: 07 mai. 2020.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ECO, H. **História da feiura**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FANTIN, M. C. M. B. Pier Della Vigna x Catão de Útica: dois suicidas da Divina Comédia dantesca. São Paulo: **Criação & Crítica**, n. 23, p. 15-27, abr., 2019. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/151490/152728>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

FRANCO JR. H. **Dante: o poeta do absoluto**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

GUIMARÃES, A. P. T. Heresia medieval. São Paulo: **Revista USP**, v. 37, p. 216-221, mar./mai., 1998. Disponível em:

<<http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/download/28380/30238>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

JEWISS, V. Monstrous movements and metaphors in Dante's Divine Comedy. **Forum Italicum**, n. 32, p. 332-346, 1998. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1177%2F001458589803200202>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

JUNQUEIRA FILHO, L. C. U. A “grandeza repulsiva, amiúde detestável” do Inferno de Dante. São Paulo: **Jornal de Psicanálise**, v. 44, n. 81, p. 245-252, dez., 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v44n81/v44n81a19.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2020.

LE GOFF, J. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2005.

\_\_\_\_\_. **O homem medieval**. Lisboa: Presença, 1989.

LOUREIRO, K.; SCARAMUSSA, Z. O Diabo e suas representações simbólicas em Ramon Llull e Dante Alighieri (séculos XIII e XIV). **Mirabilia**, n. 2, p. 202-223, dez., 2002. Disponível em: <[https://ddd.uab.cat/pub/mirabilia/mirabilia\\_a2002m12n2/mirabilia\\_a2002m12n2p202.pdf](https://ddd.uab.cat/pub/mirabilia/mirabilia_a2002m12n2/mirabilia_a2002m12n2p202.pdf)>. Acesso em: 09 mai. 2020.

MAIOR JUNIOR, P. S.; MAIA, J. DOS S. Nas sombras da Odisséia e Eneida: os mitos como construtores de identidades no Mundo Antigo. **Alétheia**, v. 10, n. 1, p. 41-50, fev., 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/aletheia/article/view/6692/5226>>. Acesso em: 04 mai. 2020.

MARTINS, A. C. M. O Direito Romano e seu ressurgimento no final da Idade Média. In: WOLKMER, C. (Org.). **Fundamentos de história de direito**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

MELIN, E. **Análise sobre a política de supremacia papal de Bonifácio VIII, frente à autonomia nacional da França de Felipe IV (1296-1303)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2019. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182330/melin\\_e\\_me\\_assis\\_sub.pdf?sequence=5&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182330/melin_e_me_assis_sub.pdf?sequence=5&isAllowed=y)>. Acesso em: 09 mai. 2020.

MULLER, R. P. **“De Monarchia”: Dante Alighieri e as culturas do poder entre os séculos XIII e XIV no Ocidente Cristão Medieval**. 2017. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20387/2/Rodrigo%20Pucci%20M%c3%bciller.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

OLIVEIRA, O. N. DE; OLIVEIRA, T. A escolástica na *Divina Comédia* de Dante Alighieri. *Goiânia: Educativa*, v. 13, n. 2, p. 233-246, jul.-dez., 2010. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/1587/1004>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

OLSON, R. J. M. An Early Drawing by Luigi Sabatelli Rediscovered. *Master Drawings*, v. 35, n. 3, p. 289-292, 1997. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1554346>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

PAIZANI, G. F. DE A. A salvação da verdade: uma análise do tratado *Monarchia* de Dante Alighieri. **Revista de História**, v. 2, n. 1, p. 03-21, 2010. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/27660/16492>>. Acesso em: 06 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. Dante Alighieri: a Monarquia Universal e a "Felicita Mentale". **Cadernos de Clio**, v. 1, 45-53, 2010. Disponível em:

<<https://revistas.ufpr.br/cli/article/view/40265/24600>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

PEREIRA, R. C. A Florença de Dante e as representações morais e políticas no Paraíso. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, VIII, 2016, Feira de Santana. Anais de Estudos sobre a Antiguidade e a Idade Média: espaços históricos e historiográficos. Feira de Santana: ANPUH, 2016. Disponível em:

<[http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477763809\\_ARQUIVO\\_artigo-da-Anpuh-ok.pdf](http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477763809_ARQUIVO_artigo-da-Anpuh-ok.pdf)>. Acesso em: 07 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. Entre Brancos e Negros: representações e influências das facções políticas na Divina Comédia. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, IX, 2018, Santo Antônio de Jesus. Anais de História e Movimentos Sociais: ANPUH, 2018. Disponível em:

<[http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1535593203\\_ARQUIVO\\_RonnyPereira-Anpuh2018.pdf](http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1535593203_ARQUIVO_RonnyPereira-Anpuh2018.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2020.

QUIRICO, T. A iconografia do Inferno na tradição artística medieval. **Mirabilia**, n. 12, p. 1-19, 2011. Disponível em:

<<https://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/download/283167/371077>>. Acesso em: 06 mai. 2020.

RAMOS, M. C. T. Do Aqueronte ao Eunoé: os rios mitológicos e a simbologia das águas em La Divina Commedia de Alighieri. In: RAMOS, M. C. T.; ALVES, M. C. R.; HATTNER, A. L. **Pelas veredas do fantástico, do mítico e do maravilhoso**. São José do Rio Preto: Cultura Acadêmica, 2013.

RÊGO, N. P. DO. **Ritos fúnebres da Eneida**. Dissertação. 2015. Dissertação (Mestre em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2016/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Nath%C3%A1lia-vers%C3%A3o-final-para-defesa.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2020.

RICŒUR, P. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROMERO, M. A. A *Divina Comédia* de Dante Alighieri. In: SANTOS, D. (Org.). **Grandes epopeias da antiguidade e do medievo**. Blumenau: Edifurb, 2014.

RODA, R. R. **Mitologia Dantesca: A Referência aos Mitos Greco-Romanos na Divina Comédia pelo viés da (Re)criação Poética de Dante Alighieri**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras), UNESP, São José do Rio Preto, 2012. Disponível em:

<[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99092/roda\\_rr\\_me\\_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99092/roda_rr_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 11 mai. 2020.

RUSCONI, R. A grande recusa – Porque um Papa se demite. Lisboa: Ed. Paulinas, 2013. Resenha de: SAPATO, R. B. Transições: entre o Ensino Secundário, o Ensino Superior e o Mercado de Trabalho. **REID**, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://reid.ucm.ac.mz/index.php/reid/article/view/46/54>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

SALGADO, K.; FEITAL, T. A. Entre a cruz e a espada: as contribuições de Dante Alighieri para a ideia de uma monarquia universal. Belo Horizonte: **Meritum**, v. 7, n. 1, p. 55-79, jan.-jun., 2011. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/meritum/article/view/1200/821>>. Acesso em: 08 mai. 2020.

SANGALI, I. J.; STEFANI, J. Noções introdutórias sobre a ética das virtudes aristotélicas. **Conjectura**, v. 17, n. 3, p. 49-68, set.-dez., 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1796/1127>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

SÉMELIN, Jacques. Os imaginários da destrutibilidade social. In: \_\_\_\_\_. **Purificar e Destruir: usos políticos dos massacres e dos genocídios**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

SEVCENKO, N. **O Renascimento**. São Paulo: Atual, 1994.

SILVA, F. G. S. DA; COSTA, M. R. N. A bula *Unam Sanctam* de Bonifácio VIII no contexto da disputa pelo poder político no final da idade média. Fortaleza: **Argumentos**, ano 10, n. 20, p. 141-151, jul.-dez., 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/39795/95775>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

SOUZA, J. A. DE. C. R. DE.; BARBOSA, J. M. **O Reino de Deus e o Reino dos Homens**: as relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidort). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

STERZI, E. **Por que ler Dante**. São Paulo: Globo, 2008.

STREFLING, S. R. A disputa entre o papa Bonifácio VIII e o rei Filipe IV no final do século XIII. Porto Alegre: **Teocomunicação**, v. 37, n. 158, p. 409-419, set., 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/2732/2081>>. Acesso em 02 mai. 2020.

TÔRRES, M. R. A perspectiva “pedagógica” de Dante Alighieri no acesso à verdadeira nobreza e à beatitude terrestre. *Mirabilia*, n. 6, p. 128-153, jun.-dez., 2006. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/28141704\\_A\\_perspectiva\\_pedagogica\\_de\\_Dante\\_Alighieri\\_no\\_acesso\\_a\\_verdadeira\\_nobreza\\_e\\_a\\_beatitude\\_terrestre](https://www.researchgate.net/publication/28141704_A_perspectiva_pedagogica_de_Dante_Alighieri_no_acesso_a_verdadeira_nobreza_e_a_beatitude_terrestre)>. Acesso em: 02 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. Aristocracia e Nobreza em Dante Alighieri. **Mirabilia**, 9, p. 229-248, dez., 2009. Disponível em:

<[https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2009\\_15.pdf](https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2009_15.pdf)>. Acesso em: 09 mai. 2020.

VIANNA, J. V. M. Em defesa da Monarquia Imperial: Dante Alighieri e sua linguagem política contra o poder do Papado medieval. Franca: **História e Cultura**, v. 5, n. 1, p. 56-72, mar., 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6077292.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2020.

WOLKMER, A. C. O pensamento político medieval: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. UNAM: **Crítica Jurídica**, n. 19, jul.-dez., 2001. Disponível em: <<http://historico.juridicas.unam.mx/publica/librev/rev/critica/cont/19/teo/teo2.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2020.

ZIERER, Adriana. Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (séc. XII). **Mirabilia**, n. 2, p. 150-184, dez., 2002. Disponível em: <[https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2002\\_12.pdf](https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2002_12.pdf)>. Acesso em: 08 mai. 2020.